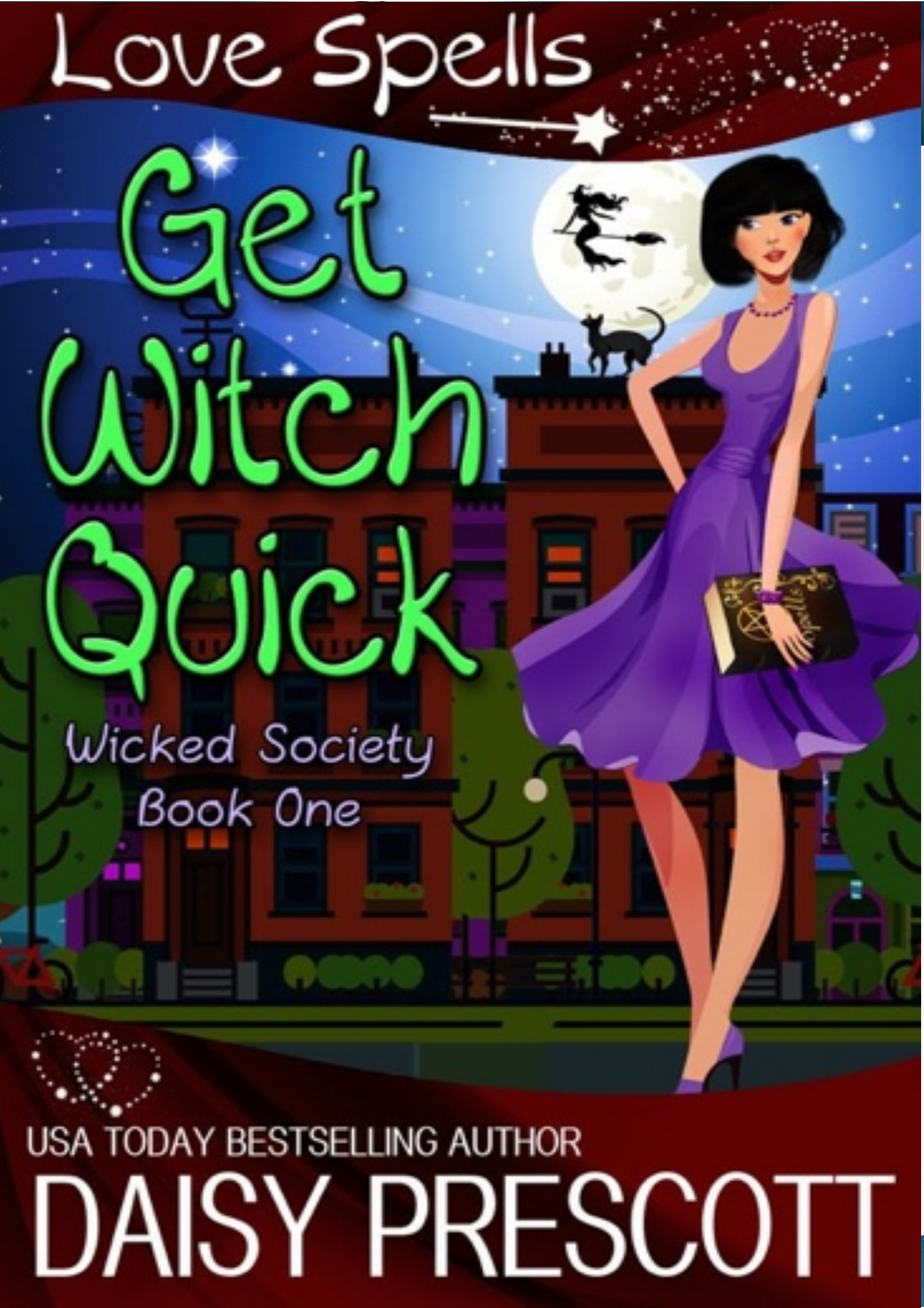
Love Spells

Get Witch Quick

Wicked Society
Book One



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DAISY PRESCOTT



Tradução: Mika Hanazuki

Revisão: Violet Jones

Leitura: Seraph Wings

Formatação: Aurora Wings



AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



SINOPSE

Depois de se apaixonar pelo alto, moreno e reflexivo Andrew Wildes, a vida de Madison Bradbury vai de festas universitárias chatas para lutar contra maldições e magia negra com a ajuda das bruxas mais poderosas de Salem e um casal de fantasmas.

Quando ela e Andrew aceitam estágios de verão na Wicked Society, ela imagina longos dias passados aprendendo magia e pesquisando as famílias mais antigas da Nova Inglaterra, seguidas por noites românticas passeando por Boston com seu novo amor.

O que ela não planeja é ser sequestrada.

Se Madison pretende enganar seus inimigos, ela precisará dominar sua magia o mais rápido possível.

Get Witch Quick é o primeiro livro da série Wicked Society de romances paranormais interconectados, descontraído com uma torção de mistério acolhedor.



Prólogo

Dezembro passado…

Apenas alguns trechos de neve iluminam os terrenos escuros da mansão Winthrop enquanto os faróis do Audi descem a estrada. Nuvens filtram qualquer luz fraca do sol, deixando o começo da tarde sombrio e cinzento, como crepúsculo tardio. Janelas escuras nos cumprimentam.

— Parece mais imponente do que nunca. — Eu me estico para frente para olhar para a casa enquanto Andrew estaciona. Meus ombros caem em derrota. — Como vou encontrar um pequeno livro lá?

— Você vai precisar de sua visão extra. Quer começar do lado de fora para se orientar?

Os faróis de Sam brilham através da janela traseira, projetando o rosto de Andrew em ângulos agudos, entre a luz e a escuridão.

— Eu acho, — relutantemente concordo.

Sua mão quente roça meu rosto antes que ele a substitua pelo calor de sua boca. Eu inclino minha cabeça, capturando seus lábios com os meus, secretamente esperando que beijá-lo seja a chave para o meu poder.

Enquanto nos beijamos, uma buzina de carro soa atrás de nós. Andrew me dá um beijinho antes de se afastar. Quando abro os olhos, uma leve luz azul brilha do lado de fora do para-brisa.

— Está de volta, — eu sussurro.

— Segure-se na sensação. — Ele abre a porta e corre ao redor do capô para abrir a minha.

Quando saio, me concentro na frente da casa. A luz azul forma um nevoeiro que lentamente clareia enquanto olho para a elegante fachada. Nada é diferente.

— Eu posso ver a luz, mas nada sobre a casa é diferente. — Eu sinto Sam e Tate ao meu lado. Uma cintilação da luz da varanda me chama a atenção. — Exceto que as luzes são movidas a gás, não eletricidade.

— Interessante, — diz Tate. — Vamos entrar?

Agarrando minha mão, Andrew coloca-a no seu cotovelo. — Tente manter a visão e diga-nos o que você vê.

Eu o sigo pelas escadas da frente até a grande entrada.

Tate tira um molho de chaves do bolso do casaco e destranca a porta. — Dê-me dois segundos para desativar o alarme.

Ele entra e fecha a pesada porta de madeira. Eu pisco algumas vezes e a névoa azul retorna.

Quando ele abre a porta novamente, eu recuo. O foyer está decorado para o Natal. Uma enorme árvore enche o centro do hall de entrada, iluminado por velas reais e ornamentos de vidro prateados.

— Madison? — A voz de Andrew atravessa a neblina, mas eu já estou avançando para a sala calorosamente decorada.

Galhos de sempre-vivas e de buxo cobrem cada entrada e se torcem como uma serpente gigante subindo as escadas. Velas brancas fornecem mais luz, suas chamas dançando nas correntes de ar.

— É uma festa de feriado, — eu sussurro.

Ciente dos meus amigos próximos, ando pela biblioteca. A familiar lareira brilha com um fogo sob o manto pesado de folhagens. A falta de calor contra a minha pele me faz lembrar que é apenas parte da minha visão.

Livros estão em filas perfeitas nas prateleiras, mas eu não vejo nada parecido com os volumes de couro dourado da minha visão anterior. Eu ando pela sala, arrastando minha mão pelas prateleiras e molduras, esperando encontrar algo oculto. Não encontrando nada, eu me movo para o meio do hall de entrada, e lentamente giro, tentando embaçar minha visão o suficiente para o livro chamar-me.

O riso e a dança rápida dos sapatos no vestíbulo de mármore impedem o meu movimento. Eu pisco, esperando ver o som vindo de Sam e Tate, ou mesmo de Andrew, mas eles estão parados perto da lareira.

Quando permito que a névoa azul cubra a minha visão, tenho de saltar da frente do caminho de um casal risonho correndo para fora da sala de jantar. Um leve perfume rosa-chá faz cócegas no meu nariz. Ele a gira e a beija na boca enquanto ela sorri para ele. Vestido com um smoking clássico, o cabelo castanho do homem está penteado para trás do rosto. Charmoso é como eu o descreveria. Segurando a mão dele está uma jovem mulher em um vestido preto sem alças, o cabelo escuro torcido em um coque.

— Sua família está dando uma festa aqui esta noite? — Eu pergunto a Tate. — De repente estou me sentindo muito mal vestida.

— O quê? — Pergunta ele. — Os Winthrops não acreditam em comemoração natalina.

— O casal que correu pelo vestíbulo, rindo e se beijando? — Eu aponto ao mesmo tempo em que percebo que não há ninguém lá.

— Você pode ver fantasmas? — A voz de Sam sai como um guincho. — Vou dar o fora daqui.

— Eles não podem te machucar, Samantha — Tate a tranquiliza. — Eu vou segurar sua mão se isso te fizer sentir melhor.

Sem olhar para eles, sei que Sam provavelmente está corando.

— Siga-os, — Tate instrui.

Eu ouço o som da risada feliz do casal. O eco fraco vem do corredor, então me movo nessa direção. Vozes suaves se envolvem em brincadeiras leves que terminam em risadas depois que ele diz: — Vamos lá, eu vou te mostrar se você não acredita em mim.

Escanceando o corredor interior mais escuro, eu vejo uma porta se fechando. — Por aqui.

Parando em frente à porta, eu inalo. Eu não acredito em fantasmas. Como eu não acreditava em magia.

— Eu estou aqui e eu vou te proteger. — Andrew aperta minha mão.

— Eu também, — Sam concorda sem hesitação, e Tate repete suas palavras.

Eu abro a porta, revelando um escritório, alinhado com mais estantes de livros. Não há decorações ou velas na sala escura. Um raio de luz de uma abertura na parede ilumina o espaço.

— Há uma porta escondida. — Eu não me incomodo de fingir que o pensamento não me excita.

Mesmo que eu esteja apavorada agora porque estou seguindo um casal fantasma.

Infelizmente, a passagem secreta se fecha antes que possamos entrar e o riso desaparecer.

— Se foi, — eu digo, desapontada.

Tate liga um interruptor e uma luz elétrica brilhante preenche o espaço. Parece desagradável e estou ciente do leve zumbido nos fios.

— Este é o escritório do meu pai. Eu costumava brincar debaixo de sua mesa quando era uma adorável criança. — Tate anda até o meio da sala. — Tenho certeza que eu saberia se houvesse uma porta secreta aqui.

Estou ouvindo enquanto estudo a parede por onde o casal desapareceu. O painel de mogno escuro segue um padrão de moldagem retangular, acima de lambris espessos, abaixo de um trilho de cadeira. Eu corro meu dedo indicador ao longo do trilho de cadeira até que minha unha pega um vinco.

— Acho que encontrei. — Acima do entalhe está o retrato de um homem de aparência severa, todo de preto, com a peruca branca fofa da moda masculina do século XVIII.

— Claro, — Tate ri. — Jonathan Winthrop, seu cachorro velho.

Tate esfrega as mãos ao longo da parede e sob o trilho de cadeira. Um clique suave soa quando ele encontra a trava.

O painel balança para frente, revelando uma pequena sala forrada de estantes de livros do chão ao teto.

— Isso deve compartilhar uma parede com a biblioteca. — Parecendo curioso, Andrew pega o telefone e liga a lanterna. — Eu me pergunto se há uma porta de ambos os lados para fuga.

Com certeza, há um esboço fraco de outra porta em frente à nossa.

— O livro está aqui? — Sam me pergunta.

Eu desfoco minha visão, imaginando se posso chamar minhas visões sem beijar Andrew primeiro. Digitalizando as prateleiras, um tom brilhante de azul chama minha atenção.

— Lá em cima. — Eu aponto para a prateleira de cima. — No meio.

Andrew estende a mão e puxa para baixo o fino livro de couro preto que eu vislumbrei pela primeira vez em uma visão no porão da minha avó.

Eu entrego-lhe o envelope do bolso do meu casaco. — Coloque isso em cima e recoloque-o na prateleira. Por hora.

Ele me dá um breve aceno. — Até que você precise.

Eu espero que um vento gire ao nosso redor, ou que as luzes se apaguem, mas nada de extraordinário acontece. Além do fato de que eu tive uma visão de um livro e dois fantasmas me ajudaram a encontrá-lo.



Capítulo Um

Início de maio

Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida.

Eu sei disso porque o orador da formatura me disse isso ontem. Além de enfatizar que o poder está dentro de nós, o Dr. Emile de Snoozefest compartilhou outras profundas pepitas de verdade, como o futuro é nosso, o mundo precisa de nós, e devemos sempre continuar aprendendo. Ele não se referia a mim em particular. Eu não me graduei. Mais sábias frases genéricas de graduação, mas as duas últimas chegaram um pouco perto demais da minha realidade atual e dos planos de verão.

Claro, não posso falar sobre o meu estágio em uma sociedade secreta de bruxas. Quando alguém pergunta, eu digo a eles que vou passar o verão em Boston, trabalhando para um arquivo privado. Uma deixa para os bocejos de suposto tédio da minha família. Por que eu passaria meu último verão oficial da faculdade em uma biblioteca abafada? Se eles soubessem o que não sabem. O Dr. de Snoozefest também compartilhou essa pepita da verdade. Fez a minha cabeça doer, tentando decifrar isso.

Antes que o resto da minha vida comece, eu preciso lidar com o hoje. Se meu futuro for algo como esta manhã, vou passar meus dias sem dormir o suficiente, precisando desesperadamente de mais cafeína e usando as roupas de ontem.

Não tenho certeza de quão auspicioso isso é para o começo do resto da minha vida, muito menos deste verão. Sou grata por ter embalado tudo do meu quarto e levado de volta para a casa dos meus pais depois das provas. Quando eu digo tudo, quero dizer tudo, o que explica porque estou usando o mesmo vestido floral vermelho de formatura, enquanto tento escapar do quarto do meu namorado com meus sapatos em uma mão e minha calcinha enfiada na minha bolsa. Eu não sou nada senão uma senhora elegante.

É o que acontece quando uma bolsa de fim de semana cuidadosamente embalada é deixada para trás.

O aviso de minha avó sobre roupas íntimas limpas ainda ecoa de modo agourento na minha cabeça sempre que eu saio. Ao longo dos anos, a importância da roupa interior limpa, como um talismã, para evitar a vergonha, do desgosto de um paramédico qualquer, transformou-se numa superstição genuína. Como evitar sofrer um acidente ou evitar uma calamidade catastrófica? Roupa intima limpa. Como carregar um guarda-chuva para que não chova.

Também é importante registrar, eu poderia estar um pouco de ressaca de muito champanhe. É uma ressaca mais chique do que uma de cerveja de barril, de um copo descartável vermelho, dos meus primeiros dias no Hawthorne College[1]. Nós todos vivemos e aprendemos. Eu acho que agora sei o que não sabia antes. Um ponto para o Dr. Snoozefest!

[1] Hawthorne College é a universidade onde eles estudam.

Talvez haja um feitiço ou infusão mágica para eliminar as dores de cabeça e acidez estomacal. Vou ter que perguntar a Sarah Wildes, também conhecida como a bruxa mais poderosa de Salem, a mãe do meu namorado, e dona da casa da qual estou prestes a fugir em uma manhã de sábado.

Não, meu namorado não mora no porão de sua mãe. Esta enorme casa vitoriana é grande o suficiente para ele ter seu próprio apartamento no sótão. Pelo menos ele não tem três colegas compartilhando um quarto com um único banheiro. As coisas sempre poderiam ser piores.

— Onde você está indo? — A voz sonolenta e abafada pertencente ao graduado de ontem, também conhecido como meu namorado, pergunta da cama atrás de mim.

— Eu tenho que dirigir para a casa dos meus pais hoje, para o aniversário do meu pai, e arrumar o que vou levar para Boston no verão. — Virando, eu coloco meus sapatos debaixo do braço. Tudo o que posso ver de Andrew é o seu cabelo escuro contra os travesseiros e o vago contorno dele por baixo do edredom.

— Por que tão cedo e por que você está andando na ponta dos pés como uma ladra? — Sua voz soa mais profunda de manhã, e mais sexy.

— Se sua mãe me pegar fugindo de casa novamente, vou morrer de vergonha, *de novo*, e provavelmente me transformar em uma passa humana e depois virar pó no ato. Uma triste pilha de pó do tamanho de passas será tudo o que resta de mim. — Eu verifico o zíper da minha pequena bolsa para confirmar que minha calcinha não está aparecendo ou

pendurada ao lado. — Eu quero manter uma pequena parte da minha dignidade.

— É a minha casa também. Somos todos adultos aqui. — Andrew rola para o lado e olha para mim, sonolento, piscando seus olhos azuis-claros da cor de iceberg, na luz fraca da manhã que entra pelas cortinas de seu apartamento no sótão. Uma mecha espessa de cabelos escuros cai no rosto dele, uma sombra sobre a pele pálida. — Você passou a noite muitas vezes nos últimos três meses. Caso você tenha esquecido, você tem sua própria chave.

Certo. Eu tenho. Não que eu a tenha usado. — Tomei isso como mais um gesto simbólico. Como uma cerimônia de corte de fita. Ou um daqueles cheques gigantes de loteria que os vencedores recebem. Não para uso prático, como ir e vir desta casa quando eu quiser.

Rindo, ele se vira de costas e dobra o braço atrás da cabeça. Porque ele está sem camisa, meus olhos percorrem os vários grupos musculares que compõem seu peito e braços. — Você realmente precisa sair agora? No grande esquema das coisas, uma hora ou duas a mais importa?

Ele faz uma boa alegação, mas eu sou teimosa. — Pode haver tráfego. Quero evitar a humilhação desajeitada de olhar nos olhos da sua mãe e partir antes que os paroquianos inundem as ruas, com seu julgamento e sapatos desconfortáveis.

Seus lábios se contorcem enquanto ele luta com um sorriso. — Mas se você esperar até mais perto das dez, todas as carolas estarão participando dos cultos e você não terá que enfrentar minha mãe porque

ela estará na Spelling B[2]. Parece o melhor plano possível de um modo geral. — A mão que não está atrás da cabeça bate no colchão ao lado dele. — Volte para a cama.

Encenando, eu bato meu dedo indicador no queixo, fingindo pesar minhas opções. Franzindo minha boca, abaixo minhas sobrancelhas para dar a aparência de reflexão. Como se eu pudesse resistir a ele. Minha atração por Andrew é mais forte do que qualquer magia ou feitiço poderia criar. Uma vez, achei que precisava de um feitiço de amor para fazê-lo se apaixonar por mim, quando tudo que eu realmente tinha que fazer era ser eu mesma.

Enquanto enceno a indecisão, Andrew levanta as cobertas, revelando suas calças de pijama negras e abdominais definidos. Ele rasteja para o pé da cama como um predador, seus movimentos suaves e felinos. Como um jaguar e eu sou qualquer pequena criatura da selva que jaguares caçam. Provavelmente preguiças. Eu sou uma preguiça doce e lenta. Uma descrição adequada se alguém já me viu wogging[3] por Salem.

A leitura da mente não é uma das habilidades 'especiais' de Andrew, mas meu rosto deve revelar meus pensamentos, porque ele se lança em mim.

Eu grito de surpresa, com um arrepio de medo revestido de excitação, quando ele me levanta e me leva de volta para a cama.

[2] Spelling B é a loja da mãe dele que vende produtos mágicos.
[3] Wogging é uma caminhada a passos largos, em ritmo acelerado, sem chegar a ser uma corrida.

— Que horas são as festividades de aniversário? — Ele para na beirada, suas coxas entre as minhas pernas e seu peito nu ao nível dos olhos.

Distraída pelos níveis rijos de seus músculos, levo alguns segundos para compreender que ele está me fazendo uma pergunta. — Duas, mas prometi ajudar a decorar.

— Seus pais só vivem a noventa minutos de distância. — Ele abaixa a cabeça e levanta meu queixo com um único dedo, uma pergunta silenciosa em seus olhos. — De acordo com a matemática, você superestimou seu tempo de viagem em pelo menos três horas.

Com um suspiro exagerado, eu caio de volta na cama. — Eu preciso fazer as malas. Não esqueça essa parte. Estou nervosa e não sei o que levar para um estágio em uma sociedade secreta de bruxas. Eu preciso de túnicas ou tudo em preto funciona? Haverá uma lista de suprimentos necessários e uma rua comercial escondida, onde posso comprar uma varinha e livros didáticos?

Com uma pequena explosão de gargalhadas, ele senta ao meu lado na cama. — Não vamos a uma escola de bruxos fictícia na Inglaterra. Não há um código de vestimenta obrigatório.

— Ainda vou ganhar uma coruja de estimação? — Eu tento parecer esperançosa.

— Ninguém ganhará uma coruja, — diz ele secamente.

— Que tal um gato? Eu escolho meu próprio gato preto ou um me segue aleatoriamente pra casa e me adota? — Eu rastejo para trás para descansar a cabeça nos travesseiros.

— Você quer um gato? Podemos ir ao abrigo e resgatar um, mas devemos verificar com Geoffrey sobre sua política de animais de estimação. Você poderia pedir Mildred emprestada ao Dr. Philips. — Sua voz é provocante, mas tenho certeza de que ele me ajudaria a conseguir um gato e provavelmente contrabandeá-lo para a sede, se isso fosse o desejo do meu coração. Porque Andrew me ama e eu o amo também.

— Obrigada, mas não seria estranho pegar emprestada a familiar de outro bruxo? Eu acho que seria proibido, ou pelo menos socialmente inaceitável. E Mildred não iria apenas nos espionar e relatar a ele?

— Você está certa na parte da espionagem. Essa gata não é confiável. Quanto às regras, você teria que perguntar ao coven. Ninguém mais que eu conheço tem um familiar, — explica Andrew.

— Por que não? — Agora estou querendo um animal ajudante que esteja tão ligado a mim que possamos nos comunicar sem dizer nada. Tão legal.

— Antiquado demais. — Ele traça uma linha giratória sobre a pele do meu braço. — Ou algo assim. Você teria que perguntar a minha mãe. Ou Philips, se ele não tiver saído para sua estadia anual de verão em Cape, na casa de praia de sua família.

Imaginar nosso enfadonho professor de inglês vagando pelas dunas de Cape, em uma de suas jaquetas conservadoras de tweed, me faz rir. Uma ideia me atinge e eu me sento. — Você quer ir para meus pais hoje? Você ainda não os conheceu. Papai vai apertar sua mão com muita força e tentar perscrutar sua mente, para ter certeza que você tem intenções honradas com sua única filha. Mamãe fará muitas perguntas, e

contará histórias embaraçosas sobre todas as minhas estranhas fases enquanto crescia.

— Você está realmente tentando me convencer a este interrogatório seguido por bolo de aniversário. — Ele sorri e arrasta um dedo até o interior da minha panturrilha. — Eu duvido que você tenha tido uma série de fases estranhas. Você é linda e única.

— Única poderia ser código para estranha. Você perdeu minha breve, mas intensa fase, de aficionada do One Direction. Vamos apenas dizer que é uma coisa boa que eu era muito jovem para fazer uma tatuagem. — Eu congelo meu rosto em uma expressão séria, completa com um intenso olhar para adverti-lo sobre fazer perguntas complementares.

— Existe evidência fotográfica? — Ficando de lado, ele se apoia em um cotovelo.

— Não, se eu puder evitar. — Precisamos nos afastar deste tópico. — Vovó também estará lá. Eu sei que ela adoraria te ver de novo.

Seu dedo para. — Eu adoraria ir com você. Como está Celeste?

— Ela está bem. As magias de proteção na fazenda parecem estar se mantendo. Sem mais intrusos ou roubos de túmulo.

Menos de um ano atrás, a perda de consciência era a única forma de desaparecer magicamente que eu tinha experimentado. Ladrões de túmulos existiam apenas em livros ou nos trajetos da Mansão Assombrada na Disney World. Tempos mais simples, ou pelo menos mais singelos para a magia ao meu redor.

A mãe do meu pai é descendente direta de duas famílias apanhadas na histeria das bruxas em Salem. Ela não só faz os melhores cookies, ela é uma bruxa, e guardiã dos segredos da família Corey e Bradbury, inclusive protegendo as sepulturas escondidas de meus antepassados na fazenda da família.

Como neta dela, herdei os genes da família. Eu também sou bruxa, mas uma bruxa bebê aprendendo seus poderes. Definitivamente na fase da 'criança vacilante' no controle da minha magia. Se eu tivesse uma vassoura, teria um adesivo "condutor aprendiz" na traseira.

Infelizmente, não somos o tipo de bruxas que voam em vassouras. A menos que ninguém tenha revelado esse fato divertido ainda. Há tanta coisa que não sei.

— Bom. Eu adoraria vê-la novamente. Eu deveria levar um presente para o seu pai. O que ele gosta? — Uma seriedade genuína ilumina a pergunta de Andrew.

— Você não tem que levar nada para ele, — eu o tranquilizo. — Ele vai protestar contra cada presente, dizendo que é demais e ele não precisa.

— Eu não quero aparecer de mãos vazias. — Cada vez mais sério, ele abaixa a voz. — É importante para mim, quero causar uma boa impressão.

Isso derrete meu coração. Pensando por um momento, chego a uma pequena lista. — Ele gosta de golfe, dos Red Sox[4] e dos

[4] Red Sox é um time de beisebol, de Boston.

Bruins[5]. Embora, ele estranhamente odeie Tom Brady[6]. Adora Dunkin Donuts[7]. Ele é o típico pai da Nova Inglaterra.

Andrew assente. — Deve ser fácil comprar algo hoje. Que tal ingressos para um jogo no Fenway[8]?

— São impossíveis de conseguir. A menos que você esteja disposto a gastar um monte de dinheiro. Os ingressos seriam demais, excessivos, — eu protesto, mas ele me silencia com um dedo pressionado contra meus lábios.

— Não é impossível. A secretária do meu pai tem conexões. Vou ligar para ela e farei isso. Eu acho que há uma série com o Yankees[9] no meio do verão. Esses são sempre momentos divertidos.

Fico boquiaberta enquanto olho-o atônita.

— O quê? — Ele encara de volta, imitando minha boca aberta.

— Seu pai. Você realmente quer entrar em contato com ele? — Minha pele se arrepia de preocupação.

Andrew passa sua mão quente pelo meu braço. — Não. E eu não vou. Sua secretária gosta de mim. Ela ficará feliz em me ajudar e, se eu pedir, não mencionará isso ao meu pai.

— Tem certeza? — Questionar o envolvimento de seu pai em qualquer coisa é sempre uma boa ideia, pergunto de novo. — Podemos

[5] Bruins é um time de hóquei, de Boston.
[6] Tom Brady é o mais famoso jogador de futebol da Nova Inglaterra, que tem Boston como capital.
[7] Dunkin Donuts é uma rede de lojas que vende donuts e café.
[8] Fenway é um estádio de beisebol , sede do Red Sox).
[9] Yankees é um time de beisebol de Nova York.

dar uma passada no Dunks[10]* e comprar para o meu pai uma caneca de viagem do Red Sox e um cartão de presente. Ele ficaria emocionado.

— Por que não ambos? Por favor, deixe-me fazer isso. Ver meu pai na formatura de ontem foi desagradável, mas manter as aparências na atual situação o manterá fora de nosso rastro. Cortar o contato completamente só vai gerar suspeita. Nós não precisamos dele descobrindo nossos planos de verão em Boston.

Ele tem razão. — Ele sabe sobre a sociedade?

Um pequeno vinco aparece entre as sobrancelhas escuras. — Não que eu saiba. É possível. Ele sabia que minha mãe era uma bruxa quando se apaixonou por ela, e ele não é completamente ignorante sobre a existência do coven. Se as bruxas estão em Salem, logicamente elas devem estar em outros lugares também. Mesmo que tenha ouvido rumores, duvido que ele saiba detalhes como localização ou quem é um membro. Irônico, dado que ele mora a menos de um quilômetro de distância da sede.

— Não o subestime. Sem ofensa, mas a foto do seu pai está no dicionário ao lado de vil. — Eu franzo a testa ante a lembrança da estranha sensação de alguém pressionando meu cérebro dentro do meu crânio sempre que Stanford Bradford me olhava ontem.

Não, *não* estou dizendo que ele é mal, mas há uma razão pela qual Andrew mudou seu sobrenome para o nome de sua mãe, Wildes, e abandonou Bradford. Stanford é obcecado por dinheiro, status e sociedade, do tipo sangue azul e conservadora. Ah, e ele provavelmente

[10] Dunks é uma forma diminutiva para Dunkin Donuts.

está por trás da maldição sobre Andrew no ano passado, que o fez agir como um menino sapo, também conhecido como um idiota completo.

— Eu concordo com você, cem por cento. Podemos parar de falar sobre essa metade do meu DNA? Existem outras coisas muito mais agradáveis que poderíamos estar fazendo em vez disso. — Ele beija meu ombro enquanto lentamente desliza a mão pela minha coxa em direção ao meu quadril. — Ei, por que você não está usando calcinha?



Capítulo Dois

Diferente do estilo vitoriano de Sarah, a casa da minha família é um falso colonial mais modesto e sem graça, construído nos anos noventa... da década de 1990. Onde Salem é repleta de ruas encantadoras e história infame, o lugar onde eu cresci é pitoresco mas comum, como muitas cidades em Massachusetts. Nenhuma batalha foi travada e ninguém famoso nasceu aqui. Solidamente classe média e sem graça.

Andrew estaciona o carro atrás do meu na entrada dos meus pais. Eu noto o carro de vovó na rua em frente da casa. Estou feliz que ela esteja aqui e espero que possamos ter um tempo para recuperar o atraso, porque eu não posso falar com meus pais sobre qualquer coisa a ver com magia ou fantasmas.

Quando mandei uma mensagem para minha mãe mais cedo, para dizer a ela que estou trazendo Andrew, e para esconder qualquer foto embaraçosa, ela respondeu com “HaHaHa”. É isso. Nem um pouco reconfortante. Eu não deveria tê-la avisado. Quem sabe que tipo de santuário para minha juventude desajeitada ela ergueu na sala durante a última hora?

— Pronto? — Eu pergunto a Andrew enquanto nós dois saímos dos nossos carros. — Não é tarde demais para voltar atrás.

Ele sorri para mim. — Por que eu iria querer fazer isso? Estou totalmente dentro, Madison. Nada vai me afugentar.

Eu derreto ante suas palavras. Ele é um mestre em me fazer ter um treco. Deslizando meus braços ao redor de sua cintura, eu o abraço. — Como eu tive tanta sorte?

— Quantas vezes eu preciso lembrá-la que eu sou o sortudo? — Ele roça seus lábios sobre os meus, suavemente, quase lá, mas o suficiente para enviar ondas de excitação através do meu corpo inteiro.

Eu fico na ponta dos pés para aprofundar o beijo, envolvendo meus braços ao redor de seus ombros. Ele retribui o beijo por um momento, mas seu sorriso torna difícil continuar.

— Por que você está sorrindo? — Pergunto

Ele sorri e tenta me beijar novamente. — Eu amo o quão natural é beijar você em uma entrada de automóveis nos subúrbios.

— Natural é uma coisa boa? — Eu preciso conferir novamente, porque nossas vidas são tudo, menos típicas.

— Uma coisa muito boa. Tranquiliza-me que podemos ter um futuro juntos, não importa que magia negra seja jogada em nós.

Certo. Maldições e feitiços são a nossa realidade. Muito pior do que minhas antigas preocupações sobre qual falsiane no campus está falando pelas minhas costas ou conspirando para roubar meu namorado. A menos, é claro, que a verdadeira falsiane seja Lucy Putnam, que pode ou não ser uma bruxa, que pode ser ou não má, e que pode ser ou não uma gata. Estou inclinada pela gata malvada ou, no mínimo insensata, e uma péssima juíza de caráter, com algumas sérias tendências a dramatização.

— Aproveite o natural enquanto pode. Eu não tenho ideia que insanidade meus pais planejaram agora que você está se juntando a nós. — Soltando meus braços, eu me afasto. — Pronto?

— Mal posso esperar. — Seu sorriso não desvanece e seus olhos pálidos se enrugam.

Ele é bonito sempre, mas o feliz e sorridente Andrew pode ser o meu favorito.

— Vamos lá então. — Eu o levo até a casa. Com uma inspiração profunda, abro a porta da frente e grito: — Olá, estou em casa. Estamos aqui.

Quando saí para a faculdade, minha mãe modernizou o projeto da casa, criando um fluxo aberto. Do hall de entrada, posso ver diretamente através da casa até a sala de estar nos fundos. A sala de estar está vazia e a sala de jantar também. Música suave toca em alto-falantes ocultos, mas não há ruído de conversas. *Isso é estranho.*

— Olá? — Falo enquanto ando em direção à cozinha, adjacente à sala de estar. — Esta não é uma festa surpresa, então vocês não precisam se esconder.

Não há ninguém na cozinha, mas tigelas de mistura e batatas fritas cobrem o balcão de granito da ilha. Evidências da preparação da festa enchem a pia dupla. Uma grande caixa branca de bolo está no balcão ao lado da geladeira.

— Onde está todo mundo? — Pergunto retoricamente, porque como Andrew saberia?

Ele coloca a sacolinha contendo a caneca e o cartão-presente do Red Sox ao lado da caixa do bolo. — Talvez eles estejam lá fora?

O riso chega pela janela sobre a pia. — Eu acho que você está certo.

Eu ando até as portas francesas na sala íntima. Espiando através do vidro, sou saudada com a visão de minha avó jogando um saco de feijão em uma placa inclinada no meio do quintal. — Que diabos está acontecendo?

Andrew fica atrás de mim, pressionando sua frente nas minhas costas enquanto espia por cima da minha cabeça. — Parece que eles estão jogando 'milho no buraco'[11].

— Eu posso ver isso, mas por quê? — Eu abro a porta de vidro e saio. — Desde quando isso é moda?

Mamãe está sentada em uma cadeira na mesa de jantar ao ar livre, na sombra do guarda-sol gigante, com um sorriso em seu rosto, feliz assistindo papai e vovó jogar.

— Madison! — Ela salta e me abraça. — Eles estão brincando com o presente do seu pai a manhã toda. Oi, você deve ser o Andrew. Oh, você é lindo!

Com uma risada desajeitada, mamãe tenta tirar seus óculos de sol, mas quase os deixa cair antes de conseguir pegá-los.

Andrew fica a poucos metros atrás de mim, um sorriso divertido em seus lábios.

Eu faço as apresentações rápidas e ele aperta a mão da minha mãe.

[11] Cornhole ou 'milho no buraco' é um jogo em que se atiram sacos de milho em uma plataforma que tem um buraco.

— É bom finalmente conhecê-la, — diz ele, genuinamente.

— O mesmo. — Mamãe desliza seus óculos escuros em seu cabelo escuro e dá-lhe um largo sorriso. — Não vou mentir e dizer que não estou com ciúmes que minha sogra conheceu o namorado de Madison antes que eu o conhecesse. No entanto, ela não disse nada além de coisas boas sobre você. De acordo com ela, você é perfeito.

— Celeste é uma força, — diz Andrew, as palavras um elogio.

Ele tem razão. Ela pode ser uma vovó grisalha, mas é feroz.

— Isso ela é. Eu acho que ela é igualzinha com milho no buraco também. Ela não deixou meu pobre marido ganhar uma única rodada. — Mamãe pega seu copo de chá gelado. — Vamos acabar com seu sofrimento.

Nós a seguimos, descendo os degraus da varanda até o gramado plano que forma o quintal até os bosques, que fazem fronteira com o limite da propriedade.

— Mad Munchkin[12]*! — Usando o meu apelido de quando eu tinha cinco anos, meu pai atravessa a grama para me pegar e me abraçar.

— Feliz aniversário, papai. — Eu retribuo o abraço e beijo sua bochecha.

Ele me coloca no chão. Seu sorriso bobo desaparece ligeiramente. — Você deve ser o Andrew.

— Eu sou. — Andrew aperta sua mão e eles avaliam um ao outro. Não é estranho, mas há definitivamente um aumento na tensão.

[12] Mad Munchkin é uma forma de apelidar crianças, 'menininha brava ou pequena zangadinha'.

— Você está tendo um bom dia? — Eu me dirijo a meu pai, mas dou um passo mais perto de Andrew. Ele não precisa de proteção, mas faz me sentir melhor. Conhecer meus pais é o grande passo final em nosso novo relacionamento.

Papai dá outro sorriso para mim. — Melhor aniversário de todos.

— Mesmo que você esteja perdendo para vovó? — Eu sorrio para ele, notando um pouco mais de cinza em seu cabelo escuro, onde a luz do sol o destaca.

— Estou deixando sua avó me vencer, — ele finge sussurrar alto o suficiente para que todos possam ouvir.

— Se você não percebeu, eu tenho jogado com a minha mão não dominante. Não é minha culpa que você é terrível neste jogo. — Vovó se aproxima de nós para abraçar Andrew. — É maravilhoso vê-lo novamente.

Rindo quando ela me abraça em seguida, dou-lhe um aperto extra antes de liberá-la. Em um mundo que não faz mais sentido, o amor dela ainda me fundamenta. Sou grata por este dia com minha família, e feliz que Andrew esteja comigo.

Papai bufa, mas isso se transforma em uma risada. — Nesse caso, eu gostaria do meu bolo de aniversário agora.

— Antes do jantar? — Pergunta mamãe, incrédula.

— Eu acho que tenho idade suficiente para arriscar estragar o meu apetite, não é? — Ele levanta uma sobrancelha em desafio.

— Bem. Vou trazer o bolo e o sorvete para cá. Podemos abrir os presentes depois.

Quando mamãe fecha a porta atrás dela, papai se vira para me encarar com um sorriso cheio de dentes. — Vê? Melhor aniversário de todos.

— Andrew, se importa em jogar milho no buraco comigo enquanto Madison ajuda sua mãe com o bolo de aniversário? — Como se sua dica não fosse evidente o suficiente, vovó sacode a cabeça em direção à porta.

— Claro. — Eu sei quando sou dispensada.

— Vou me sentar na varanda e tentar descobrir como você está trapaceando. — O sorriso de papai é satisfeito e feliz.

Eu juro que minha avó murmura algo sobre não desperdiçar sua magia, mas é muito baixo para ouvir claramente, e não posso pedir esclarecimentos na frente dos meus pais.

Dentro da cozinha, mamãe empilhou cinco pratos no balcão e está contando garfos da gaveta.

— Eu ainda não sei se é melhor servir bolo e sorvete com garfos ou colheres. — Ela olha para mim. — O que você acha?

— Garfo-colher? — Eu pergunto, abrindo o freezer e tirando as gotas de sorvete.

— Aí está uma ideia. — Depois de empilhar os garfos e colheres em cima dos pratos, ela se aproxima de mim. — Obrigada por trazer Andrew hoje. É bom finalmente conhecê-lo pessoalmente. Eu sei que você não quer ouvir isso porque tem 21 anos, e é adulta, mas me sinto melhor em passar o tempo com o cara com quem você vai viver o verão todo.

Posso ser uma adulta por todas as definições, mas ainda posso ser facilmente envergonhada por minha mãe. — Não estamos tecnicamente

vivendo juntos. É um dormitório pequeno, e Sam vai ficar lá também, além do amigo de Andrew, Tate. Nós quatro juntos. Portanto, não é realmente como se Andrew e eu viveremos juntos, juntos.

Mamãe pressiona os lábios em uma linha fina para suprimir o sorriso. — Tudo bem, o que você disser. Seu pai e eu moramos juntos na faculdade. Amigados ou vivendo em pecado. Do modo que você quiser chamar. Você não terá nenhum julgamento ou culpa de nenhum de nós. E sua avó parece adorá-lo. Ele passou no teste.

Ignorando sua declaração sobre ela e meu pai vivendo em pecado, eu me concentro na última frase. — Há um teste?

— Celeste não era minha maior fã no começo. Quando ela me encontrou pela primeira vez, perguntou sobre meus antepassados e a árvore genealógica. Parecia desapontada por não ser do pedigree certo.

Minha atenção muda para o rosto dela. — Mesmo? Isso não soa como vovó se importando com esse tipo de coisa.

A menos, claro, que ela estivesse procurando por bruxas na história da família de minha mãe. E se isso fosse verdade, por quê?

— Acho que ela estava sendo protetora com o filho. Depois que você nasceu, ela mudou. Você a teve na palma da mão no momento em que ela segurou você.

Ela sabia que eu era uma bruxa assim que nasci? Se assim for, então Celeste não é apenas uma campeã de milho no buraco, ela também é a rainha dos segredos guardados. Porque eu sei a menos de seis meses que possuo a capacidade de ver fantasmas.

Olhando por cima do meu ombro e através das portas de vidro, vejo que vovó e Andrew se reuniram numa conversa perto de uma das plataformas do jogo. Vovó encontra meu olhar e bate o dedo na ponta do nariz.

Eu me pergunto que outro segredo ela está guardando. Afinal, o livro secreto contendo a linhagem de bruxas na Nova Inglaterra costumava estar escondido em seu porão. Ela jura que não sabe quem escondeu lá, ou quando foi transferido para a casa Winthrop. Ninguém sabia ao certo se o livro ainda existia, até eu encontrá-lo no solstício de inverno do ano passado.

Seguindo minha mãe até a varanda, medito sobre esses pensamentos enquanto arrumo as velas no bolo do papai. Andrew e vovó se juntam a nós para cantar feliz aniversário. Mamãe acende as velas e diz ao meu pai: — Faça um pedido.

Papai encontra meus olhos e por um momento nos encaramos antes que ele apague as velas. — Se eu pudesse ter um desejo, seria para Madison...

— Não diga em voz alta ou não vai se tornar realidade! — Vovó adverte, interrompendo-o e batendo as mãos, como se estivesse limpando as nuvens da fumaça que contém os vestígios de seu desejo meio dito. — Palavras ditas têm poder.

Especialmente se forem feitiços ou encantamentos. Que se você pensar sobre isso, desejos de aniversário são ambos. O que poderia ser mais poderoso do que um desejo no dia do nosso nascimento? Meus pensamentos derivam para a história da Bela Adormecida, e como um

único desejo mudou o curso de sua vida. Minha avó me presenteou com um desejo quando eu nasci?

Sarah uma vez me contou sobre uma profecia, sobre uma garota Bradbury de cabelos castanhos. Segundo ela, Andrew e eu estamos destinados a ficarmos juntos.

Nenhuma pressão aí.

Depois do bolo, passamos o resto da tarde jogando milho no buraco enquanto meus pais educadamente interrogaram Andrew sobre sua vida. Vovó encontra meu olhar algumas vezes e me dá uma piscada. Não tenho certeza se é em aprovação ou para lembrar que compartilhamos um segredo. Depois de sua terceira vitória consecutiva, ela declara um intervalo para uma ida ao banheiro. Afirmando que preciso ir também, eu a sigo para dentro da casa para que possa encurralá-la.

Perambulando em frente à porta do banheiro, eu ando pelo corredor enquanto espero por ela. Eu tenho perguntas que não posso fazer na frente dos meus pais e ela tem evitado ficar sozinha comigo o dia todo.

A porta do banheiro se abre e paro na frente dela. Vovó pula e depois aperta a mão contra o peito. — Você me assustou, vai me mandar pra sepultura de forma prematura!

— Desculpe, mas falando de sepulturas, eu preciso falar com você, — eu sussurro, embora esteja certa de que todos ainda estão do lado de fora.

Ela espia pelo corredor. — Vamos para a cozinha e lavar alguns pratos. O som da água impedirá que escutem.

Seguindo atrás dela, observo enquanto ela enche uma das pias com sabão e água.

— O que você sabe sobre a Wicked Society? — Eu pergunto a ela enquanto o sabão se transforma em espuma.

— Sempre houve conversas sobre um grupo secreto de bruxas em Boston, mas eu nunca fui. Eu prefiro ficar na fazenda e manter a discrição. Como você sabe, eu nem conhecia a famosa Sarah Wildes até dezembro.

— Você acha que é seguro? — Eu a questiono, mergulhando um prato na água morna.

— Segurança é relativa[13]. — Seus olhos escuros brilham com diversão em seu trocadilho. — Pelo menos na fazenda.

Eu bato no ombro dela com o meu. — Piadas sobre pessoas mortas? Mórbido.

— Os mortos não se importam. A menos que você roube seus ossos. Isso é muito rude. — Ela balança a cabeça enquanto desloca a torneira para encher a outra cuba com água limpa, para enxaguar. — Mais alguma pista sobre quem iria querer os ossos Corey?

— É por isso que vamos trabalhar para a sociedade. Combinando forças. Como quando todos os Vingadores acabam no mesmo filme para lutar contra o inimigo supremo. — Entrego-lhe um prato para enxaguar.

— Eu não tenho ideia do que isso significa.

[13] Relative significa familiar, parente, daí o trocadilho, pois os parentes bruxos estavam enterrados na fazenda, seguros sob a terra.

Eu abro minha boca para explicar sobre Thor e o Capitão América, mas ela faz um som de reprovação para mim.

— Eu não preciso saber. Sim, há segurança em grupo, mas você precisa ser capaz de se proteger sozinha. É por isso que a magia é poderosa e vista como uma ameaça. Seus poderes não exigem um exército ou mesmo um coven. Lembre-se disso. — Seu tom abafado dá uma seriedade ao seu aviso.

— Meu poder é ver espíritos e coisas do passado. Como isso pode me ajudar se estivermos sob ataque? Esses fantasmas não são como os monstros de gosma que explodem ectoplasma nos filmes.

Vovó abaixa o queixo e suspira. — Novamente com as referências de filmes sem sentido.

— Ok, brincadeiras à parte. Não tenho certeza de como minhas habilidades serão úteis agora que localizamos o livro.

— Nunca se subestime. Você abriu o envelope que eu te dei?

Lembrando-me do grosso papel creme, balanço minha cabeça. — Não, ainda está com o livro na mansão Winthrop.

Vovó acena a cabeça uma vez. — Quando você levar o livro para Boston, certifique-se de levar o envelope também.

— Você pode me dizer o que tem dentro dele? — Eu entrego a ela o último prato.

— E estragar toda a diversão? Nunca. — Ela ri quando eu estalo bolhas de sabão em seu braço.

— Então explique como você está trapaceando no milho no buraco. — Eu abro o dreno e a água gorgoleja enquanto flui pelo cano.

— Quem disse que eu estava? Seu pai? Hunf. Ele é um mau perdedor. Sempre foi. Talvez eu seja naturalmente dotada quando se trata de jogar um saquinho de grãos. Meu segredo é que imagino o saco atravessando o buraco. Profecia autorrealizável. Você ficaria surpresa com o quão bem a visualização funciona. — Enxugando as mãos em um pano de prato, ela me encara. — Minha fé em você nunca vacilou. Desde o segundo que te conheci, eu soube que você faria grandes coisas. Você nunca me desapontou.

— Como você sabia que eu era uma bruxa? — Eu pergunto baixinho, secando minhas mãos na toalha.

— As cartas de tarô me disseram assim que descobri que sua mãe estava grávida de você. Eu ficava perguntando aos espíritos e eles sempre me tranquilizavam. Às vezes eles ficavam irritados com minhas dúvidas, mas a resposta deles nunca mudava. Você está aqui com um propósito. — Ela olha pela janela, os olhos suaves e cheios de amor. — E aquele jovem lá fora faz parte do seu propósito. Eu vou te contar um dos segredos da vida.

Espero que ela compartilhe alguma sabedoria de bruxaria.

— Ame-o e seja amada por ele.

— É isso?

Encontrando meu olhar, ela me dá um pequeno sorriso. — Se fosse tão fácil quanto parece. Não importa o que aconteça, não perca a sua fé no amor.

— Milho no buraco *e* palavras de sabedoria. Você está com sorte hoje, vovó. — Eu enlaço meu braço com o dela e descanso minha cabeça no topo da sua cabeça. — Eu te amo.

— E eu a você. Agora vamos resgatar Andrew dos seus pais. Eu também os amo, mas eles são um pouco chatos.

Capítulo Três

Na segunda-feira, Andrew manobra seu carro pelas ruas estreitas, e de mão única, que cobrem Beacon Hill. Bancando a navegadora, sou responsável por localizar o beco onde deveríamos estacionar. Ao contrário de nossa primeira visita em fevereiro, não podemos usar a porta principal na rua. Porque isso seria muito fácil.

O GPS não nos levará para a entrada dos fundos da Wicked Society, porque, de acordo com a internet, o endereço para onde estamos indo não existe. Por curiosidade, tentei pesquisar usando a vista panorâmica. O resto da rua é claro, mas o prédio que abriga a sede da Sociedade está completamente embaçado. Dá um novo significado a passar o verão fora do radar.

De acordo com as instruções manuscritas em minha mão, temos que confiar nos antigos poderes de observação e leitura de instruções para navegar até o beco atrás das casas geminadas.

— Vire à direita. — Eu aponto para uma abertura estreita à frente. — Então, outra vez direita, e o beco deve estar à sua direita.

Andrew franze a testa. — Suas instruções nos fazem andar em um quadrado. Tem certeza de que está lendo corretamente?

Quando ele se estica para pegar o pedaço de papel na minha mão, atiro-lhe um olhar sujo. — Sim. Sou a navegadora e levo meu trabalho mais a sério que o Columbus. [14]

[14] Columbus pode ser referência ao navegador italiano que descobriu a América 'Cristóvão Colombo' ou ao sistema de navegação de mesmo nome.

Semicerrando os olhos, ele tenta decifrar se isso é uma coisa boa ou um absurdo completo. Seja qual for sua decisão, ele ainda faz a série de voltas.

Forrado com pedras reais, gastas por séculos de tráfego, o beco consegue ser ainda mais estreito que a rua. O sedan não é grande, mas eu me preocupo que os espelhos raspem as paredes de tijolos em ambos os lados.

— Onde devemos estacionar? — Eu estudo as instruções. — Aqui diz que é para parar na frente da porta de metal preta, ao lado da lâmpada de gás. Nenhum número de casa.

— Aqui? — Andrew desacelera até a única lâmpada de rua nesta quadra.

— Eu acho? — Incerta, minhas palavras saem como uma pergunta. — Eu não vejo nenhuma outra lâmpada nesta quadra.

— Precisamos deixar alguém saber que estamos aqui? — Ele coloca a mudança em ponto morto, mas mantém o motor funcionando.

Inclinando-me a frente, olho pela janela para o beco vazio, e para os altos muros de tijolos de ambos os lados. — Eu não sei.

A porta preta se abre e uma cabeça careca familiar atravessa a abertura.

— Não é aquele Smith que nos recebeu da última vez? — Eu pergunto, me sentindo cautelosa enquanto ele se aproxima do carro. Eu dou-lhe um pequeno aceno, que ele ignora. — Não é o homem mais amigável, é?

Smith para na frente do nosso para-choque.

Quando estivemos aqui pela primeira vez em fevereiro, ele nos recebeu na porta e depois serviu biscoitos, mas não há nada caloroso ou indistinto sobre a maneira como o terno escuro agarra seus ombros largos, na expressão severa e nos olhos frios.

Smith bate no vidro perto da minha cabeça e gesticula para eu baixar a janela. Eu rapidamente atendo, depois de me recuperar do choque involuntário de sua proximidade.

Ele se inclina para poder fazer contato visual conosco. — Entrem. Alguém vai pegar suas malas e estacionar o carro.

É isso aí. Sem bem-vindos ou olá.

— Nós podemos levar nossas próprias malas, — Andrew se voluntaria quando desliga o motor.

— Não. Isso não será necessário. — Smith se afasta do carro e fica ao lado da porta preta.

Meus olhos se movem entre Andrew e Smith. — Codinome Tropeço[15] da *Família Adams*, — eu sussurro baixinho.

Ele ri e diz baixinho: — Ele provavelmente aceitaria isso como um elogio.

— Verdade. Que tal 'Luz do Sol' em vez disso? — Eu sugiro.

— Perfeito. — Ele solta o cinto de segurança e aperta minha mão. — Pronta?

— Nem um pouco. — Eu queria estar brincando ou pelo menos exagerando. — Pelo menos sua mãe sabe o nosso último paradeiro conhecido, se desaparecermos.

[15] Tropeço é o mordomo no filme da A Família Adams, em algumas séries foi nomeado Lacraio.

Capítulo Quatro

A porta se abre para um pátio murado coberto de trepadeiras e hera. O musgo cobre o tijolo do pátio. Apenas o estreito caminho de cascalho mostra qualquer sinal de uso frequente. Smith passa rapidamente pelo jardim e abre outra porta com o cartão-chave. Entramos em um corredor curto com várias portas e um conjunto de escadas que levam até a parte de trás do prédio. Não há nada extravagante sobre a madeira desgastada das grades ou degraus da escada. Eu estou supondo que esta é a antiga entrada dos servos.

— Esta escada levará vocês até seus quartos. Por favor, venham e passem por essa porta, usando os seus cartões de acesso. — A voz de Smith é monótona entediada, mas não hostil. — Certifiquem-se de não serem seguidos antes de entrarem no beco. Se vocês forem, continuem andando e deem uma volta no quarteirão.

— E se não pudermos despistá-los? — Andrew pergunta, calmo como um cara que já lidou com esse tipo de coisa antes.

Talvez ele tenha. Aposto que o pai dele tem asseclas e provavelmente algum capanga também. Nervosamente, eu me pergunto sobre precisar do meu próprio apoio. Querer um bando de macacos voadores faz de você uma bruxa má? Uma amiga quer saber.

— Vá para a praça no topo da colina e me mande uma mensagem. Não volte para a entrada da casa até tudo estar limpo.

Ah, uau. Eles realmente levam essa coisa de secreta a sério.

— Não seria mais fácil ter uma frente legítima, como um dos outros clubes sociais da região? Mais fácil de explicar as idas e vindas do prédio. — Andrew para de falar quando percebe o olhar de Smith.

— Nós tentamos isso durante a proibição e fomos invadidos por suspeita de ser um bar clandestino. Não vale a pena o risco. Diferente de vocês quatro e da equipe regular, a única outra vez que temos visitantes é durante as reuniões mensais.

— E como você lida com as chegadas deles? — Eu pergunto curiosa.

— Sr. Gardener é capaz de criar uma cintilação em torno do edifício.

— Isso é...

Smith me interrompe antes que eu possa terminar a minha pergunta. — Ele está esperando vocês na biblioteca. Esta porta levará vocês para as escadas da frente. Vocês devem ser capazes de encontrar o caminho até lá. Suas malas vão estar à espera em seus quartos. Eu acredito que seus amigos já estão lá em cima.

Sem um adeus, ele atravessa a porta que entramos.

— Tchau, Luz do Sol, — eu sussurro.

Internamente, me pergunto se uma cintilação é semelhante à neblina azul que vejo quando olho através das camadas do passado. O mesmo brilho materializado logo antes dos fantasmas aparecerem. Até agora, eu só vi os dois fantasmas, um casal vestido com roupas de noite formais. Ele em um smoking clássico, e ela em um elegante vestido preto.

Pelo menos achamos que são fantasmas, baseados em seus trajes, mas não excluímos outras possibilidades. Podem ser projeções passadas das pessoas que ainda vivem e respiram. No entanto, gosto da ideia de

fantasmas amigáveis. Principalmente porque eu tinha uma queda por Gasparzinho. Como filha única, eu tinha amigos invisíveis e sinceramente sinto falta deles. Talvez meus amigos fossem fantasmas.

Andrew lidera o caminho pelas escadas até a biblioteca formal. Um grito involuntário de prazer me escapa quando vejo minha melhor amiga sentada em um dos sofás de couro. Faz apenas dois dias desde a última vez que nos vimos, mas parece muito mais tempo.

Sam ecoa minha emoção e me encontra no meio do caminho. Seu cabelo loiro está em tranças, soltas em volta da cabeça, e ela está usando um vestido de verão de cambraia.

Colocamos nossos braços ao redor uma da outra e nos abraçamos como se não nos víssemos há séculos. Já faz dois dias desde que Tate e Andrew se formaram.

Sam me aperta forte. — Eu senti sua falta.

— Eu também. — Devolvo o abraço dela.

— Você viu nossos quartos? São incríveis. O andar inteiro é nosso, e temos uma sala de estar, uma pequena cozinha e dois banheiros. Ah, e claraboias. — Ela parece genuinamente animada.

— Acabamos de chegar aqui. Luz do Sol nos recebeu no beco e disse para virmos à biblioteca. — Andrew cumprimenta seu melhor amigo, Tate, com um abraço solto. — Quando você chegou?

— Você está falando de Smith? Perfeito. Nós chegamos cerca de meia hora atrás. — Tate puxou seus dreadlocks em um rabo de cavalo arrumado, mas gigante, na nuca. Alto, loiro e magro, ele é a luz para a coloração escura de Andrew.

Olhando para Tate em seus jeans rasgados e camiseta amarrotada, você nunca imaginaria que ele fosse membro de uma das famílias mais proeminentes e mais antigas da Nova Inglaterra. Ele é o mais próximo da realeza que temos na Nova Inglaterra. Ele odeia isso.

— Madison. Bom te ver. — Tate me envolve em um abraço.

— É você? — Eu pergunto enquanto um calor feliz se espalha pelo meu corpo.

— Desculpe. Estou feliz que você e Andrew estejam aqui. Ignore-me. — Com um encolher de ombro envergonhado, ele se afasta. — A vida em torno de um empata.

Um bruxo das águas, poderoso como Tate, é bom para se ter do nosso lado, mas às vezes complicado ficar por perto. Ele é um sentimento personificado.

Se Tate é água, então Andrew é fogo. Ainda não temos certeza sobre Sam, mas o melhor palpite é que uma bruxa do ar deu a ela talento para ler cartas, e a intuição.

Que tipo de bruxa eu sou?

Espírito. Claro.

Embora, por que não posso usar minha magia para algo útil como fazer donuts sem calorias?

— Bem-vindos, bem-vindos. — Cumprimentando-nos calorosamente, Geoffrey Gardener entra na sala. — Estou tão feliz por vocês estarem aqui. Fiquem à vontade e vamos conversar.

Andrew e eu nos sentamos em um dos sofás de couro, de frente para Tate e Sam. Geoffrey escolhe uma cadeira. Seu cabelo escuro se

enrola bem acima do colarinho de sua fresca camisa azul, e calças cinza cobrem suas longas pernas. Ele está usando óculos de armação preta, dando-lhe um olhar sério de professor.

— O que há de novo? — Ele pergunta, juntando seus dedos indicadores e descansando-os em seu queixo. — Tudo está bem em Salem. Nenhuma desordem?

Tate geme na rima.

Sam ri. — Engraçado, Sr. Gardener. Você é um poeta?

O jeito que ela pisca os olhos para ele é quase como se estivesse batendo os cílios. Espere aí um minuto, Sam tem uma queda a distância por Tate por mais tempo do que eu tenho por Andrew. Estamos falando de anos de anseio. Agora ela está flertando com nosso anfitrião e chefe? Não faz sentido.

— Tudo está bem, — Andrew fala por todos nós. — Estranhamente entediante. Sem complicações mesmo. Isso foi obra sua?

Geoffrey assente. — Smith e vários de nossos membros têm trabalhado no fortalecimento das barreiras à volta de vocês. Com o resíduo da magia antiga dentro e ao redor de Salem, nós aproveitamos essa energia. É como ligar diretamente em um relâmpago, em vez de uma tomada elétrica. Sempre me impressiona.

— Qual é o plano para o verão? — Pergunta Tate.

— Enquanto vocês estiverem aqui, vamos trabalhar no fortalecimento de seus poderes, incluindo o seu, Samantha. Entre os treinamentos, vocês trabalharão nos arquivos, fazendo pesquisas sobre nossa atual ameaça.

— Meu pai. — Andrew se senta mais ereto, sua espinha rígida. — Você descobriu algo novo?

— Infelizmente, temos informações limitadas. Ele parece estar fortemente envolvido em seu clube privado, que acreditamos ser uma fachada para fins mais nefastos do que jantares e patriarcado. — Geoffrey nos dá um sorriso irônico.

— Uma fachada para o quê? — Sam pergunta.

— Essa é a questão. Sabemos que eles querem o livro negro escondido na mansão Winthrop em Marblehead. Assumindo que Bradford e os Putnams estão por trás da maldição sobre Andrew no ano passado, e o roubo dos ossos Corey da fazenda da família de Madison, eles estão trabalhando com magia negra.

— O livro deve estar seguro, — confirma Tate. — A casa e os terrenos são protegidos por feitiços de barreira. Ninguém pode fazer magia fora dos Sabás[16]*.

— É verdade, mas se nossos inimigos estão interessados, precisamos saber por quê. — Geoffrey se levanta e se move para as estantes de livros que revestem a parede atrás de sua cadeira. — Outras histórias mencionam as origens das famílias da Nova Inglaterra no lado puritano. Para a magia, nós só temos os experimentos de Salem, e esses são enganosos na melhor das hipóteses, heresia na pior das hipóteses. Até que possamos abrir o livro, não sabemos ao certo o que é fato e o que é desinformação.

[16] Sabás são diversos festivais sazonais do ano celebrados pelos bruxos, wiccanos, pagão e druidas.

— Os genealogistas não seriam capazes de recriar as linhagens? — Eu pergunto, incrédula por tanto estar sendo feito sobre algo tão simples como uma árvore genealógica. — Em minha pesquisa limitada no ano passado, encontrei padrões das linhas de família de Wildes e Bradford se casando entre si várias vezes ao longo dos séculos. Sarah e Stanford não foram os primeiros, ou os únicos a serem entrelaçados na árvore genealógica. Isso deve significar alguma coisa. Por que o padrão se repete?

Geoffrey me dá um sorriso que diz que ele aprova minha pesquisa.

— Excelentes associações. Mas estamos lidando com milhares de pessoas e muito pouca informação. As datas de nascimento e morte de alguém, casamento e nascimento de seus filhos não revelam a presença de magia. Magia é transmitida através de linhas matriarcais e pode pular irmãos ou gerações inteiras. Tome sua família como exemplo, Madison. Sua avó é uma bruxa, mas nenhum de seus pais tem dons de magia. No entanto, aqui está você.

Tate continua a discussão. — Os dados do censo não são confiáveis e são superficiais. Mesmo dentro de uma família bem documentada como a minha, a informação é omitida ou falsificada.

— Dr. Philips adora dizer que, durante meio milênio, os puritanos foram atraídos pelas bruxas. Parece ser uma fascinação de amor e ódio. — Andrew soa resignado.

— Seu padrinho está certo, Andrew. Existe uma dupla hélice de dois mundos paralelos, interligados por casamentos e crianças que carregam o

DNA de ambos os lados. — Geoffrey continua. — Ao longo dos anos, mais linhagens de sangue foram adicionadas, tornando difícil rastrear a magia.

— Se os poderes se revelarem por volta dos 18 a 21 anos, por que as linhas genéticas importam? — Sam pergunta, com um leve toque de amargura em sua voz. — Você é ou não é uma bruxa. Alguns de nós são meros mortais.

— Samantha. — Geoffrey concentra sua atenção nela. — Toda bruxa tem poderes diferentes. Se Sarah acredita que você é uma bruxa do ar, você deveria acreditar nela. Não duvide de suas habilidades porque você demora a desabrochar.

— Porque agora? Se o livro esteve seguro por centenas de anos, por que o foco nele agora? — Pergunta Tate.

Geoffrey desliza um volume fino, encadernado em couro, de uma prateleira. É aproximadamente do mesmo tamanho daquele que os fantasmas me mostraram na do Winthrop. Ao contrário do livro secreto, o da mão de Geoffrey é encadernado em ouro. Ele casualmente folheia as páginas. — Há um pequeno grupo que deseja controlar todo o poder mágico e, dentro desse grupo, há aqueles que desejam destruí-lo completamente. Eles estão dispostos a usar o que for preciso para dobrar o mundo à sua vontade. Cabe a nós detê-los. E é por isso que vocês estão aqui.

Ele entrega o livro aberto a Sam, que lê em voz alta: — A luz sempre retornará, mesmo quando a escuridão pareça dominar.

Geoffrey assente. — À medida que mais e mais pessoas são capazes de explorar a magia, haverá um retrocesso daqueles que desejam que o

mundo permaneça o mesmo, ou até volte no tempo, para quando tais coisas eram perseguidas. Foi o que aconteceu em Salem trezentos anos atrás. O medo da mudança levou à histeria.

—Isso é... — Eu paro, sem saber como formular a minha pergunta, então eu só aponto para Sam.

— Você me diz desde que você teve a honra de ver o original. — Seu olhar me perfura com sua intensidade.

— Isso é idêntico com o que encontramos? — Sam aperta a mão sobre a boca e larga o livro no colo. Com os olhos arregalados, ela olha para mim com um pedido de desculpas. — Oh, Fuchtorf, Alemanha. Eu sinto muito.

Sam não usa palavrões básicos. Ela tem sua própria versão pessoal de linguagem chula. Fuchtorf é a pior palavra com F para ela.

— Isso responde a minha pergunta. Com base em nossa pesquisa, criamos algumas variações de um livro preto, conforme descrito em várias cartas e periódicos em nossa coleção. Este é meu favorito pessoal. Acho que conseguimos?

— Posso? — Pergunto a Sam enquanto ando em direção a ela. Pegando o livro, seguro-o em minhas mãos para estudá-lo mais de perto. — O peso e as dimensões estão próximos, muito próximos. No entanto, a encadernação está toda errada.

— Nós supomos quanto ao padrão. — Geoffrey puxa vários volumes pretos a mais das prateleiras. Depois de colocá-los sobre a mesa, ele pergunta: — Quão equivocados estivemos?

— Completamente. — Eu viro cada uma das cinco variações, traçando um dedo sobre a modelagem e decoração dourada. Quando chego ao mais simples, tendo as fases da lua em sua capa, faço uma pausa. — Deveria ser simples e banal. Se você não soubesse disso, este pode te enganar. Posso abri-lo?

— Claro. — Geoffrey concorda.

No interior, a mesma frase que Sam acabou de ler parece ser manuscrita na primeira página. — Por que tentar copiar um livro que você nunca viu?

— Se pudermos recuperar o original e trazê-lo aqui para estudar, precisaremos de algo para colocar em seu lugar. Por causa da toupeira no coven de Salem, a localização do original é conhecida fora do nosso círculo. É só uma questão de tempo antes que alguém tente roubá-lo.

Eu olho para os meus amigos. — Nós quatro somos os únicos que sabem como é o verdadeiro, e a sua localização exata.

— Exatamente. — Geoffrey acena. — Por enquanto, temos uma vantagem. A cópia pode nos dar tempo para desvendar os segredos do verdadeiro livro negro antes que nossos inimigos descubram que eles têm o falso.

— Recuperar o livro real. Aprender seus segredos. Chutar o rabo do mal? — Pergunto, esperando que haja um plano simples que possamos seguir.

Geoffrey me dá um sorriso indulgente. — Se fosse assim tão fácil. Stanford desencadeou uma escuridão que não enfrentamos há muito tempo.

— A magia do cadáver? — Sam pergunta. — Eu li sobre o uso de ossos em feitiços. Embora os feitiços que vi envolvam ossos de animais, não de humanos.

— E por que usar ossos em magia? — Geoffrey a incita.

— Para explorar o poder do espírito animal, — ela responde, e depois para abruptamente. — Oh, eles estão esperando usar os poderes dos antigos. Se as linhas da família tiverem sido diluídas, voltar ao começo lhes daria poder mais concentrado.

— Garota esperta. — Geoffrey sorri para ela, mostrando os dentes brancos e retos. — Bravo.

Tate também sorri e levanta a palma da mão para um 'bate aqui' de Sam. — Vê? Nós precisamos de você.

— Os covens não podem colocar um feitiço sobre meu pai e seu clube? Criar uma amnésia coletiva e apagar suas memórias para detê-los? — Andrew exala um suspiro resignado. — Eu sei, eu sei. Primeira regra da magia: tudo o que lançamos no mundo volta para nós triplicado.

— Sempre. — Geoffrey recolhe os quatro volumes rejeitados e os devolve para a prateleira. Ele deixa o falso aprovado na mesa. — Espero que vocês estejam prontos para uma viagem de estudo na quinta-feira.

— O aquário? — Brinca Tate. — Essa sempre foi minha viagem de estudo favorita.

Nem mesmo fingindo um sorriso, Geoffrey continua como se Tate não tivesse falado. — Smith vai nos levar para pegar o livro em Marblehead.

— Obrigado por me avisar que você está me levando para a casa da minha família, — Tate corta.

— Este é o seu aviso prévio. Nós vamos cedo e devemos evitar encontrar alguém, — Geoffrey explica.

Smith reaparece na porta. — Senhor, estamos prontos?

Geoffrey se levanta. — Antes do almoço, faremos um tour rápido e apresentaremos vocês a alguns dos funcionários. Vamos começar na cozinha com a Sra. Peale, nossa cozinheira. Café da manhã e almoço serão na sala de jantar todos os dias. Nós gostamos de comer em grupo.

Muitos pensamentos nublam minha mente. Eu estupidamente me levanto e passo a mão pela minha saia preta. Tate e Sam seguem Geoffrey para o corredor.

— Você está bem? — Andrew envolve sua mão ao redor da minha, entrelaçando nossos dedos.

Eu dou um passo para me juntar aos nossos amigos, mas depois paro. — Na verdade não. Completamente sobrecarregada. Como chegamos a isso? Quem decidiu que somos os únicos a salvar o mundo? Porque eles provavelmente deveriam ser demitidos. Sua mãe ou Dr. Philips têm décadas de experiência e conhecimento. Eles não deveriam estar no comando?

— Eles não nos abandonaram. Se o coven está comprometido pela Sra. Howe, então eles precisam manter distância. Ou pelo menos a aparência atual. Confia em mim? — Ele arrasta a parte de trás de um dedo na minha bochecha.

— Eu confio.

— Vamos sair hoje à noite. Eu conheço uma ótima pizzaria descendo a rua. — Ele me dá um beijo rápido.

— Estamos autorizados a sair? Parece que Geoffrey espera que a gente cumpra um cronograma. Como se estivéssemos no acampamento de verão.

— É o nosso primeiro dia aqui. Tenho certeza de que posso convencê-lo a nos deixar a noite livre. — Andrew ergue uma sobrancelha.

— Como? — E então entendo. — Tate? Você acha que os poderes dele vão funcionar no diretor?

— Se necessário, mas encontrei uma brecha. Geoffrey não mencionou o jantar.

— Eu gosto do jeito que sua mente funciona. — Eu aperto a mão dele.

— E como é isso? — Ele espelha a pressão de volta para mim.

— Desonesto.

— Qualquer coisa para ter algum tempo sozinho com você. Entre as provas e a minha formatura, dificilmente passamos tempo juntos. — Ele dá mais um beijo antes de nos juntarmos ao grupo no corredor.



Capítulo Cinco

De mãos dadas, Andrew e eu deslizamos pelo portão e entramos no beco. O ar ainda quente da noite envolve-me, agradável depois de passar o dia nos quartos refrigerados artificialmente do prédio. O solstício de verão ainda está a mais de um mês de distância e o sol banha as ruas em sombras alternadas e luz dourada.

No final do quarteirão, Andrew faz uma pausa. — Eu não posso acreditar que só estivemos aqui por um dia. Não parece mais tempo? Como se o tempo existisse em um ritmo diferente lá dentro? Ou é só comigo? Eu tenho estado impaciente para estar a sós com você.

— Meu cérebro parece um purê batido de fatos e novas informações. E quem desempacotou e dobrou todas as minhas calcinhas? Você não acha que foi Luz do Sol, não é? — Estremeço com o pensamento.

— Talvez um dos outros funcionários tenha feito isso. Poderia haver um tele cinético que não conhecemos. — Ele se vira e desce a ladeira em direção à Charles Street.

— É tudo um borrão. Esqueci o nome de todos e qual o título deles. Exceto Sra. Peale, só me lembro dela porque ela é a cozinheira e me lembra Martha.

O som do tráfego, completo com buzinas impacientes, é um ruído bem-vindo depois do silêncio da Sociedade. Enquanto passamos o dia percorrendo o prédio e discutindo magia, o resto de Boston teve uma segunda-feira típica.

— Isso é porque ela é sua irmã. Você perdeu essa parte? — Rindo, ele diminui o passo para se fundir ao tráfego de pedestres noturnos, na rua mais movimentada de Beacon Hill.

— Completamente. Faz sentido porque os brownies no almoço eram quase tão bons quanto os do café de Martha.

Cheia de lojas, restaurantes e cafés, a Charles Street está repleta de energia. Eu olho em cada vitrine enquanto caminhamos pela calçada. — Isso me lembra Salem. Acha que podemos passar pelo Livro Negro e visitar Martha na quinta-feira?

— Durante a nossa missão supersecreta? Provavelmente não. — Ele franze a testa. — Não devemos contar a ninguém sobre a visita. Entrar e sair o mais rápido possível.

— Certo. Esqueci que somos agentes secretos agora. — Inalo o cheiro de alho e massa fresca. — Devemos estar perto da pizzaria. Estou ficando com água na boca.

Andrew segura a porta para mim e entramos no restaurante suavemente iluminado. Paredes forradas de tijolos, mesas e cadeiras pretas e velas brancas criam um interior encantador, mas simples.

O recepcionista de cabelos escuros, com sobrancelhas densas e espessas, pergunta se gostaríamos da mesa para dois na frente da janela, de frente para a rua.

— Nós preferimos algo mais privado, — responde Andrew, apontando para uma mesa no canto mais no fundo, perto do corredor para os banheiros e cozinha.

Uma vez que estamos sentados, pergunto o motivo.

— Depois de toda a conversa sobre espiões e meu pai, acho que é inteligente evitar ser visto na cidade juntos, especialmente por aqui. Nós não queremos chamar a atenção para nós mesmos. — Ele pega seu cardápio.

— Você provavelmente está certo. Eu sinto que todo o nosso verão vai ser gasto em quartos pouco iluminados e sem janelas. — Estou fazendo beicinho, mas não me importo. — Em vez de um bronzeado, vamos acabar pálidos como vampiros.

Andrew me olha embasbacado por cima do cardápio. — Mesmo? Vampiro? O morto-vivo sugador de sangue?

— Por favor, o que quer que você faça, não diga que os vampiros são reais também. Ou lobisomens, ou coelhos metamorfos. Ainda estou processando familiares e gatos espiões. E depois de toda a conversa de hoje sobre magia negra misteriosa, sobre a qual ainda não estou certa, não posso lidar com mais revelações. Quero comer pizza, beber Chianti barato e talvez, se tiver sorte, trocar carícias com as pernas com meu namorado gostoso embaixo da mesa.

Ele abaixa o cardápio e olha nos meus olhos, deslizando o sapato contra meu pé na sandália. — Por que você acha que eu quis sentar aqui atrás? Nós podemos estar nos escondendo atrás de nossos cardápios e ninguém prestará atenção em nós.

Sua intensidade me faz rir. Eu levanto meu cardápio e o seguro paralelo à minha cabeça, criando uma tela de privacidade. — Mesmo?

Ele me espelha e depois se inclina para frente. — Vamos testar a teoria.

Nós só conseguimos pressionar nossos lábios por alguns segundos, apenas no começo de um beijo, antes que nossa garçonete pigarreie para chamar nossa atenção.

— Vocês querem saber os pratos do dia ou devo ignorá-los por um tempo para que vocês possam se beijar? — Sua voz é amigável quando ela coloca dois copos de água. — Nós não estamos tão ocupados ainda, então realmente depende de vocês.

Ainda estamos debruçados sobre a mesa, segurando nossos cardápios erguidos, congelados com nossas bocas separadas por centímetros. Meus olhos estão arregalados de vergonha, mas a expressão de Andrew é divertida.

— Nós vamos querer uma garrafa de seu melhor e mais barato Chianti, — Andrew diz a ela, sua respiração quente contra os meus lábios. — Obrigado.

— Entendi. — Seu riso segue atrás dela quando ela se afasta.

Sentando-me, uso meu cardápio para cobrir meu rosto. — Estou feliz que está escuro aqui e ninguém pode dizer que meu rosto é da cor do molho de pizza agora.

— Não fique envergonhada. Parece que não somos o único casal a tirar proveito da privacidade deste canto. — Ele descansa a mão no meu braço. — Vamos decidir o que iremos pedir.

Nós escolhemos uma pizza de cogumelo e calabresa para compartilhar. Quando nossa garçonete retorna com o nosso vinho, ela sorri para nós de uma maneira astuta, mas descontraída. Seu cabelo ruivo é curto e ela usa um anel de ouro rosa no nariz.

— Vocês são novos na cidade? — Ela pergunta, desenroscando a tampa do nosso vinho. — Ou apenas visitando?

Andrew responde: — Nenhum deles e um pouco dos dois.

— Desculpe. Eu não sou curiosa. Apenas conversando. — Ela serve uma pequena quantidade de vinho em nossos dois copos para degustação. — Nós somos de Salem. — Dou-lhe a resposta mais simples. — Passando o verão trabalhando na cidade.

— Eu amo Salem. Estou obcecada com todas as coisas Wicca. Agh, por que você sairia de lá e se mudaria para uma metrópole? Especialmente aqui. — Ela olha ao redor e abaixa a voz. — É tão chato e conservador.

— Boa pizza? — Eu pergunto, meio brincando.

— Temos um café decente a algumas lojas mais adiante. O cara que administra pode ser super mal-humorado, mas é o melhor que você vai encontrar nessa área.

— Obrigado pela dica. Se estivermos nesta área novamente, vamos dar uma olhada, — Andrew responde.

Eu levanto minhas sobrancelhas em questão, mas ele me ignora. Em vez disso, ele pede a nossa pizza. Sem motivo para ficar por aqui, nossa garçonete nos deixa.

— Se estivermos na área? Nós moramos a duas quadras daqui. Estou confusa.

— Precisamos ter cuidado. — Ele franze a testa. — Isso não foi uma boa ideia.

— Por que o súbito cuidado com estranhos? Ela parecia legal.

— Boston é uma metrópole, mas também é uma cidade pequena.

— Tal como Salem. — Eu não estou tentando ser densa. — Não conhecemos ninguém por aqui.

— Não, mas meu pai conhece. Se a doce Sra. Howe pode ser uma espiã, uma garçonete numa pizzaria também pode ser. Ou o cara no café. — Ele olha ao redor para as outras mesas.

— Você parece paranoico.

Ele me dá um sorriso irônico. — Faço-me rir, por favor. Devemos pegar nossa pizza e ir para casa. Até mesmo jantar nus, o que seria mais divertido do que beijar atrás de nossos cardápios.

— Estamos dividindo o apartamento com Sam e Tate. Eu não tenho certeza se eles vão ficar felizes com o nosso jantar de pizza nus. — Eu sorrio para ele.

— É por isso que temos nossos próprios quartos. Com portas que trancam. — Seu sorriso astuto guarda promessas perversas.

— A conta, por favor, — eu digo em voz alta, levantando a minha mão.

Andrew ri, quase engasgando com o vinho.

A garçonete retorna carregando nossa pizza, em uma caixa, junto com a conta, e uma sacola para levarmos o vinho para casa.

Uma vez fora, eu olho de volta para o restaurante. Ela me dá um aceno amigável pela janela.

— Vamos pegar o caminho longo através do parque. — Andrew desloca a caixa de pizza para a mão esquerda e pega minha mão com a direita.

— Teme que ela abandone seu trabalho para nos seguir até em casa? — Eu aperto a mão dele.

— Não, claro que não. — Ele para de andar e solta minha mão para abrir a caixa, levantando a pizza e olhando por baixo.

— O que você está procurando? O número dela? — Eu brinco porque ele está agindo de forma estranha e isso me deixa nervosa, e quando estou nervosa fico sarcástica, ou disparo piadas sem graça.

— Certificando-me que ela não adicionou um dispositivo de rastreamento. — Ele sorri, colocando um cogumelo em sua boca.

— Eu realmente não posso dizer se você está falando sério. — Eu franzo minhas sobrancelhas.

— Geralmente não é sério. — Ele continua caminhando e segurando minha mão. — Algo parece errado e não consigo identificar. Tenho certeza de que vou me sentir melhor quando voltarmos à Sociedade.

Andrew é calmo e lógico. Se ele está inquieto, isso não pode ser bom.

No final do beco, nós dois checamos atrás de nós e esperamos para ter certeza de que não há outros pedestres ao redor antes de caminharmos rapidamente para o portão.

No andar de cima, no quarto andar, encontramos Sam e Tate em nossa sala de estar compartilhada, envolvidos em uma discussão acalorada sobre runas. Não querendo ser sugada para isso, eu me enfio no meu quarto, puxo Andrew atrás de mim para dentro e tranco a porta.

Seus ombros saltam de rir. — O que foi aquilo?

— Eu não faço ideia. Eles estão flertando e brigando por pedras antigas? — Eu sussurro, sem saber como o som propaga por aqui.

— Não faço ideia. — Ele coloca a caixa na minha penteadeira. — Mas vamos aproveitar o fato de que eles estão completamente ocupados um com o outro e não sentirão nossa falta.

— Você ainda está com fome? — Sento-me na beira da minha cama, grata por ser uma de casal, e não uma de solteiro como nos dormitórios de Hawthorne.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Depende. Por comida? Não.

Suas palavras enviam um arrepio de antecipação pelo meu corpo. Sem me tocar, ele consegue me excitar com um olhar e algumas palavras.

Tirando meus sapatos, movo-me para trás na cama. Ele faz o mesmo, só que ele rasteja sobre mim até pressionar o comprimento do seu corpo contra o meu.

— Eu senti sua falta, — ele sussurra no meu pescoço antes de beijar o local onde meu ombro começa.

— Nós ficamos juntos o dia todo. — Eu envolvo meus braços em torno dele e, em seguida, corro meus dedos ao longo de sua espinha.

— Com outras pessoas, ouvindo Geoffrey falar por horas. — Sua respiração aquece a minha pele. — Eu posso pensar em pelo menos quatro coisas que eu prefiro fazer por horas com você.

Sua boca encontra a minha em um beijo profundo que me deixa sem fôlego.

— Essa é uma.

Eu pressiono meus lábios contra os dele, abrindo minhas coxas para embalar seus quadris. Ele lentamente se mexe contra mim. — Essa pode ser a segunda, mas estamos usando muitas roupas. — Sua voz é rouca de necessidade.

— As roupas não são tão necessárias como dizem. — Eu começo a desabotoar o decote do meu vestido.

— Assim como se despir sozinha. — Ele para meus dedos. — Deixe-me.

Meu coração acelera sob sua mão quando ele termina o que eu comecei. Ele se demora tirando minhas roupas, me deixando numa perturbação desesperada cada vez que seus dedos roçam contra a minha pele nua.

Eu puxo sua camiseta, encorajando-o a removê-la. Ele cede à minha vontade e a puxa sobre sua cabeça. Isso é muito melhor do que comer pizza em um restaurante abafado.

Arrastando uma linha de beijos pelo meu corpo nu, ele faz uma pausa depois de beliscar minha parte interna da coxa. — Esta é a terceira.

Minha cabeça se recosta nos travesseiros enquanto ele explora devidamente a opção três. Eu silenciosamente, e não tão calmamente, expresso minha gratidão pela terceira, até luzes faiscarem no canto da minha visão enquanto meu corpo se contrai, me enviando para a felicidade.

Mas ele não terminou e nem eu.

— Segunda, não podemos esquecer a segunda, — eu murmuro quando o puxo para cima. — Ou a quarta, que é a segunda duas vezes.

Ele ri de mim usando seus eufemismos ridículos. Sua risada sacode a cama.

— O que? — Eu abro um olho e o encaro. — Você começou isso.

— Eu comecei. E não terminei. — Ele se estica sobre mim para a mesa de cabeceira.

— Eu não tenho nenhum preservativo. — Eu gemo em frustração.

— Sim, você tem. — Ele me mostra a caixa que ele puxou da gaveta antes de cuidar do assunto.

— Quando? Espere, não me importo. — Eu o beijo, mordendo o lábio, puxando gentilmente enquanto o puxo para cima de mim.

Com um gemido profundo, ele empurra dentro de mim, me preenchendo completamente. Ele levanta a cabeça para olhar nos meus olhos. — Isso é tudo.

Enfiando meus dedos pelos cabelos dele, puxo seu rosto para o meu. — Você é meu tudo.

Ele me beija, sua língua varrendo minha boca e engolindo cada gemido e grito de prazer que sai de mim, enquanto ele trabalha sua magia em meu corpo.

Nos perdemos um no outro, até que deslizamos muito perto do limite e caímos no prazer.

Por alguns momentos, deitamos juntos, desatentos e livres de responsabilidades. Todas as ameaças e sociedades secretas existem fora da nossa bolha. Eu gostaria que pudéssemos ficar assim para sempre.

Capítulo Seis

Tenho a sensação de que, independentemente da época do ano lá fora, o interior da sede da Sociedade é mantido a uma temperatura perfeita para um suéter de cashmere leve.

Nós estamos aqui há três dias e, Geoffrey usou em cada um deles um suéter fino, intensamente colorido, mas de aparência incrivelmente suave, quando ele foi para os arquivos. Ele é o Sr. Rogers[17]* das bruxas. Não há vestes negras ou outro traje gótico para o Sr. Gardener.

Eu não tenho certeza do que esperava, mas cashmere caro é que não era. Por outro lado, estamos em um dos bairros mais ricos de Boston e ele se encaixa bem com o povo de Beacon Hill.

O prédio de tijolos vitorianos da sede parece com qualquer outra casa geminada elegante, com quatro andares e um porão. Os quartos nos três andares superiores são decorados como a biblioteca, formal com móveis tradicionais e antiguidades americanas. No entanto, o porão é tudo menos típico. Tecnologia de ponta, controlando a temperatura e umidade dos arquivos, poderia pertencer a qualquer museu de primeira classe.

Todo o edifício é mantido a uma temperatura moderada, o que significa que estou usando várias camadas por baixo, que preciso retirar sempre que preciso sair do prédio. Estou em um estado constante de

[17] Sr. Rogers era um apresentador televisivo de programas infanto-juvenis que usava suéteres pelo qual passou a ser lembrado.

despir e me vestir de novo, como uma estranha mistura de bibliotecária e stripper.

No porão é ainda mais frio. Sam e eu usamos mantas grossas para nos cobrir enquanto examinamos caixas de documentos sem fim. Felizmente, também temos um suprimento infinito de chá e biscoitos. A chaleira elétrica na pequena cozinha aqui embaixo faz chá suficiente para o Palácio de Buckingham.

Sam fecha uma pasta parda de arquivos e a coloca no topo da pilha crescente. — Ainda acho que a Sra. Howe é a bruxa que trabalha com Stanford. Ela era a única tomando notas via código Morse em seu tricô durante as reuniões do coven. Sorrateira e engenhosa é uma combinação perigosa.

Vestindo minhas elegantes luvas de algodão branco, folheio outra página no livro de registro do século XIX que estou estudando. — O poder de três pode ser de três gerações de mulheres Howe. Sabemos que sua neta, Lucy, tem energia ruim em toda sua ficha. A Sra. Howe é uma espiã. E a filha distante? Que informação nós temos sobre ela?

— Nós acreditamos que a Sra. Howe não fala com a filha há anos? Ela também negou saber se Lucy recebeu seus poderes. — Sam usa as costas da mão enluvada para tirar uma mecha solta da sua trança do rosto.

— Vamos supor que ela mentiu. Onde está Lucy agora? — Pergunto.

— Como eu saberia? Ela me bloqueou nas redes sociais. — Sam ri. — Nós nem éramos amigas lá.

— O mesmo. Maldita. — Eu agito meus punhos em frustração fingida.

Colocando a tampa na caixa de documentos, Sam diz: — Hora do nosso treinamento com Geoffrey.

Eu removo a manta do meu colo e a dobro. — Obrigada Senhor. Preciso descongelar. Você acha que tenho tempo para buscar um café antes das aulas começarem? Quero dar uma olhada no café descendo a rua.

— Por lições, você quer dizer folhear cartas de tarô qualquer enquanto olha para o espaço, tentando evocar alguns fantasmas? — Ela solta um suspiro exasperado.

— Eu tive um vislumbre de uma velha com uma touca de dormir e uma longa camisola branca, então esta semana não foi um completo fracasso.

— Não tenho certeza do que esperava, mas não era ficar classificando arquivos em um porão.

— Eu acho que Geoffrey está tentando facilitar nossa vida aqui. Assim que tivermos o livro para estudar, tenho certeza de que as coisas se tornarão mais interessantes.

Soando resignada, Sam retira suas luvas brancas que agora estão borradas com tinta velha de jornal e poeira.

— Talvez no jantar desta noite possamos fazer com que Smith jogue Cartas Contra a Humanidade[18] conosco. Vou quebrar sua fachada de

[18] Cartas Contra a Humanidade é um jogo em que os jogadores completam declarações em branco normalmente usando palavras ou frases ofensivas, de conotação sexual ou politicamente incorreta.

pedra fria e fazê-lo rir. Há uma gargalhada saudável lá, em algum lugar. — Eu sugiro para animá-la.

— Tate está tentando. Não pode dobrá-lo também. Mas boa sorte com seu desafio. — Sam se levanta e dobra seu cobertor. — Vamos arranjar café. Eu preciso me aquecer.

Depois de anotar os pedidos de Andrew e Tate, tiramos nossas blusas antes de sair de casa. Seguimos o beco até a rua transversal e descemos a ladeira para a Charles Street. Eu localizo o café a algumas portas da pizzaria.

O interior está vazio, exceto por um cara de gorro olhando seu tablet no balcão. Ficamos na frente dele por um minuto antes de ele olhar para cima. Mesmo nos vendo esperando, ele aponta para a tela mais algumas vezes.

— Podemos pegar alguns cafés para viagem? — Sam pergunta, sua voz doce. Hoje suas tranças francesas loiras pendem por suas costas, e ela está usando um vestido tipo avental sobre uma camiseta listrada. Ela é difícil de ignorar.

— Tudo menos café coado. São cinco horas e eu não vou fazer outro pote hoje apenas para jogar fora. — Ele olha para sua tela.

— Ok, tudo bem. — Eu estudo o menu de lousa pendurado atrás do balcão. — Dois cafés gelados, e...

— Dê-me um minuto. — Ele pega seu tablet e caminha para o outro lado do balcão.

Sam e eu nos olhamos com expressões correspondentes de "*que diabos está acontecendo agora"* em nossos rostos.

— Devemos ir ao Dunkin? Há um descendo a Charles. — Eu me viro para a porta.

— Tudo bem. — Ele exala e move o tablet para uma prateleira na parede perto da caixa registradora. — Você não precisa ser idiota. Dois cafés gelados. O quê mais?

Nós o encaramos. Ele olha de volta.

— Talvez devêssemos ir, — digo a Sam.

— Meu café gelado é o melhor. Você vai sair perdendo. — Ele encolhe os ombros e, em seguida, pega dois copos para viagem.

Eu gostaria que Tate estivesse conosco para mudar o humor desse cara, mas me vejo repetindo o resto do nosso pedido.

Enquanto ele faz nossos cafés, eu pergunto o nome dele. Não que eu esteja morrendo de vontade de saber, mas estou curiosa para saber se ele dirá para mim, ou apenas me xingará.

— É Archie. A maioria das pessoas me chama de Angry Archie[19] nas minhas costas, mas meus amigos me chamam assim na cara.

Quando nós rimos, ele não se junta a nós.

— Prazer em conhecê-lo. Eu sou Sam, esta é Madison.

— Como queiram, — diz ele sem emoção enquanto coloca uma bandeja de cafés no balcão. — Eu prefiro gorjetas em dinheiro.

[19] Angry é irritado, irado, bravo, mau humorado.

Nós pagamos e colocamos uma nota de dólar em seu pote de gorjetas recheada.

Fora, caímos na gargalhada.

Sam leva um momento para recuperar o fôlego. — Eu realmente preciso trazer Tate na próxima vez. Ele ama um desafio.

— Eu não posso acreditar que ele ficou nos encarando até lhe darmos todo o nosso troco.

Bebendo meu café gelado, eu suspiro. — Droga, ele está certo.



Capítulo Sete

— Cinco e meia da manhã é uma droga de muito cedo para um passeio em grupo, — Sam se queixa ao meu lado, na terceira fileira do enorme Mercedes SUV, atualmente sendo conduzido por Smith, com Geoffrey no banco da frente. Tate e Andrew ocupam a fileira do meio, porque são mais altos e precisam do espaço para as pernas, de acordo com Tate.

Sentando-me na última fileira, achei que seria capaz de voltar a dormir. E eu poderia ser capaz disso, se não fosse por Sam reclamar e a estação de uma rádio qualquer que Smith tem tocado no volume máximo. Daqui é impossível ouvir a conversa no banco da frente e suspeito que isso tenha sido feito de propósito.

Nosso plano envolve uma passada matinal através de Salem para encontrar Sarah e o Dr. Philips. Eu rezo para que eles tragam seus próprios carros e nós não tentemos espremer mais dois corpos aqui dentro. Pelo menos não os vivos. Fantasmas estariam bem.

Fechando os olhos, tento me concentrar em visualizar a neblina azul do passado do jeito que venho praticando a semana toda. Quando espreito por minhas pálpebras, só vejo a parte de trás dos dreadlocks de Tate. Acho que o SUV é muito novo para ser um veículo com passageiros fantasmagóricos.

De acordo com Geoffrey, precisamos das bruxas mais poderosas para fortalecer o encanto do livro falso para enganar quem quer que venha roubá-lo. Uma bruxa será capaz de ler a energia, portanto, apenas

não deve parecer velho, como também deve dar a sensação de velho. E a melhor maneira de fazer isso é duplicando a impressão do original pessoalmente.

Chegamos ao nosso ponto de encontro em frente à grande casa vitoriana cinza de Sarah. Não há ninguém do lado de fora para nos receber e as janelas estão escuras. Parando o SUV, Smith toca levemente a buzina como se fôssemos o encontro idiota que não pode se dar ao trabalho de ir até à porta.

— Quer que eu vá buscá-los? — Andrew coloca a mão na porta. — Eu tenho a minha chave.

— Não, aqui estão eles. — Smith aponta através do para-brisa.

Sarah e Dr. Philips caminham na nossa direção na calçada, não da direção da porta da frente. Vestida com seu costumeiro estilo Stevie Nicks[20]·, com um pauzinho vermelho no cabelo, Sarah nos dá um aceno feliz com a mão livre da cesta de vime. Ao lado dela, Dr. Philips, em seu paletó de lã típico, carrega um porta-gatos. Ele deve ter uma sauna pessoal ativa sob o casaco esportivo.

— Eles parecem estar indo fazer o piquenique mais estranho de todos os tempos, — diz Sam, enquanto se inclina para frente para vê-los com mais clareza.

— Conhecendo minha mãe, essa cesta está cheia de todas as suas ferramentas favoritas para a magia, bem como alguns lanches. — Andrew acena de volta.

[20] Stevie Nicks era vocalista do Fleetwood Mac, se veste com roupas no estilo hippie, saias longas, roupas soltas.

Dr. Philips coloca a transportadora no teto de um Prius prateado estacionado diante de nós antes de abrir a porta do motorista. De alguma forma, é adequado para o professor de inglês que adora lã dirigir um híbrido.

Nós fazemos a curta viagem ao sul para Marblehead. No grande portão de ferro da propriedade de sua família, Tate sai do SUV e digita o código de segurança. Usada como uma casa de veraneio, a propriedade é mais gótica do que praiana de bom gosto. Imponente, pedra fria cobre a enorme fachada no final do longo percurso. Nenhuma explosão colorida de flores da primavera decora os jardins. Sebes bem cuidadas de buxo flanqueiam as vastas extensões de grama salpicadas de velhas árvores.

A casa sempre me lembrará do Halloween e as festas infames de Tate. Na festa do ano passado foi a primeira vez que vi os poderes de Andrew e descobri que a magia é real.

Depois de sair dos carros, nos reunimos nos degraus da frente.

Sarah dá a Sam, Andrew e eu abraços de saudação. — Não posso acreditar que faz apenas uma semana que Tate e Andrew se formaram. Como está a sociedade? Surpreendente?

— Fria é uma palavra melhor para isso. — Sam dá a ela um sorriso fraco. — E exaustivo. Só trabalho e nenhuma diversão.

— Isso não é inteiramente verdade — Smith interrompe. — Jogamos Cartas Contra a Humanidade com a Sra. Peale ontem à noite depois do jantar. A vulgaridade dentro do cérebro daquela mulher poderia chocar os mais depravados.

Tate ri. — Estou traumatizado para sempre.

A Philips coloca o suporte para gatos na grama e abre a porta. — Eu trouxe Mildred para ficar de olho nas coisas aqui para nós, enquanto cuidamos dos negócios lá dentro.

Seu familiar estica uma perna negra para fora do suporte e estende suas garras antes que sua cabeça apareça. Lentamente, ela estica seu corpo até que esteja fora de sua jaula. Com um silvo suave, ela atravessa o gramado e desaparece no canto da casa.

Com algumas piscadas rápidas, Sarah sacode a cabeça. — Bem, vamos?

Tate destrava e atravessa a enorme porta frontal de madeira para desativar o alarme.

— Se esta é a casa de verão de sua família, por que ninguém está aqui? — Sam sussurra para mim. — Há uma bela praia privada e ninguém está usando.

— É um desperdício completo. Eu concordo, — Tate diz, abrindo a grande porta e acenando para nós passarmos. — Minha família acumula coisas, não para apreciá-las, mas para possuí-las, para que outra pessoa não as possua. Bem-vindos, por favor, entrem, mas não se divirtam muito. A casa não saberá como lidar com a alegria desenfreada.

Dentro do foyer superdimensionado, com seu piso de mármore preto e branco, uma sensação de boas-vindas e calma toma conta de mim.

— Vamos esperar aqui enquanto você pega o livro, Madison? — Sarah toca meu braço. — Nós vamos encontrá-la na biblioteca.

— Quer que eu vá com você? — Andrew pergunta, se aproximando.

— Claro. Sempre. — Eu pego sua mão. Quando nossa pele faz contato, uma luz suave e azul inunda minha visão.

Minha audição aumenta, e eu ouço os agora familiares ecos de risadas ou passos dos fantasmas residentes.

Risinhos e sussurros roucos vindos do corredor me recebem.

— Eles estão aqui, — eu sussurro de volta, emoção e felicidade revestindo minhas palavras. — Eles ainda estão aqui.

Tomando isso como um bom sinal, eu puxo a mão de Andrew para tirá-lo do foyer. Nós viramos a esquina em um longo corredor e vislumbro meus fantasmas correndo através de uma porta aberta. Aumentando meu ritmo, eu sigo atrás deles.

— Espere. Por favor, espere, — eu digo em voz alta. — Eu tenho tantas perguntas.

As vozes desaparecem quando eu alcanço a porta.

— Não vá. — Meu modo feliz anterior desaparece quando somos recebidos por um escritório vazio. O mesmo retrato de John Winthrop, patriarca da família e dono original da casa, ainda nos encara da parede.

— O que aconteceu? — Andrew caminha em direção à pintura e à porta secreta que está escondida nos painéis de madeira.

— Eles não são nada além de provocadores. Eu mal tive um vislumbre do casal, e eles estavam sussurrando muito suavemente para eu entender suas palavras. — Eu estou fazendo beicinho com sentimentos não correspondidos.

— Talvez sejam as pessoas novas? — Ele desliza a mão ao longo do molde, procurando pela trava oculta.

— Eu pensei que eles ficariam mais animados em me ver de novo. — Fazendo beicinho, eu me junto a ele na busca. Meu dedo pega um vinco e eu o escorrego no entalhe para abrir a porta. — Achei.

Com um suspiro suave, o molde se divide, revelando a sala secreta.

— Depois de você, — diz Andrew, ampliando a lacuna.

As mesmas prateleiras forram o pequeno espaço que não é muito maior do que um closet. Em frente a nós está à porta que leva diretamente para a biblioteca. Cada sala secreta precisa de uma rota de fuga.

Desfocando minha visão, concentro minha atenção em uma prateleira alta. Com certeza, um brilho azul ilumina um pequeno livro de couro preto.

— Ele ainda está aqui. — Exalando, eu libero o medo acumulado do meu corpo.

— Você estava preocupada que não estivesse? — Andrew caminha até as prateleiras e alcança acima de sua cabeça.

— Parte de mim estava. — Eu o guio para o livro. — Mais para a esquerda e para trás um pouco. Não esqueça o envelope também.

— Peguei-o com o envelope da sua avó. — Ele entrega os dois para mim. — Você vai abri-lo agora?

— Não. Eu devo esperar até que eu saiba que é a hora certa. — Eu coloco o papel creme no bolso do meu vestido de verão de cerejas pretas. Uma razão importante para ter sempre um vestido com bolsos é que você pode esconder segredos neles.

— Eu te amo. — Andrew me dá um beijo rápido, que eu aceito com um suspiro, convidando-o a aprofundar abrindo minha boca e rodando minha língua contra a dele.

Um suave “ooh” enche minha cabeça, mas não veio de nenhum de nós. Eu recuo do beijo e ouço.

Com um baque forte, a porta se fecha, nos selando no quarto.

— Não é engraçado, — eu digo quando pressiono contra a porta, que não se move. — Estamos presos aqui.

O pânico que eu pensei que tinha ido embora volta com vigor.

— E se o livro fosse uma armadilha? — Minha respiração vai do normal para o superficial e inútil. — Todas aquelas cópias que Geoffrey tinha na Sociedade. Nós deveríamos ter sabido que essa é uma imitação também. Agora vamos morrer aqui. Provavelmente por sufocamento porque acho que já esgotamos todo o oxigênio disponível.

Andrew me observa com uma pequena contração nos lábios, seus lindos lábios cheios, que eu deveria estar beijando se esses são nossos últimos momentos juntos.

Eu me lanço em sua boca, o que não é fácil dada à diferença de altura, e que estou segurando um livro com as duas mãos. Em vez de criar um momento de paixão, eu bato no peito dele e quico antes que ele possa até mover os braços. Eu ricocheteio nas prateleiras e bato meu ombro na porta, a que leva à biblioteca, que imediatamente se abre.

Como já estou desequilibrada com o lançamento fracassado, eu tropeço pela fenda, e aterrisso espalhada de bruços no carpete.

Embaraçoso, com certeza, mas inclua as calorosas gargalhadas fantasmagóricas ecoando pelo espaço, seguidas por um bufo espiritual, e isso agora está no topo da minha lista de momentos que eu nunca quero reviver.

Nenhuma sombra da sombra de um fantasma.

Múltiplas mãos me seguram enquanto o grupo tenta me levantar do chão. Muito atordoada para usar meus próprios braços para alavancagem, eu ainda consigo segurar o livro preto. Uma vez que Andrew, Tate e Sarah me colocam na posição vertical, noto que Sam está de joelhos, tremendo de rir, enquanto Philips limpa as lágrimas dos cantos dos olhos.

— Uma entrada mais grandiosa nunca foi feita. — Geoffrey me dá um aplauso lento, que ele termina abruptamente quando aponta para minhas mãos. — Esse é o livro?

Seus olhos estão maravilhados e famintos, como uma criança olhando para seu bolo de aniversário. A expressão me faz agarrar o couro mais perto do meu peito.

— O que acabou de acontecer? — Sarah pergunta a Andrew.

— Ficamos presos na sala com o livro por um minuto. — Ele desliza a mão em volta da minha cintura e me puxa para perto.

— Os fantasmas fecharam a porta sobre nós, — acrescento, finalmente capaz de recuperar o fôlego.

— Madison foi inteligente o suficiente para tentar a porta para esta sala, — diz ele com orgulho.

— Eu tropecei e acidentalmente soltei o bloqueio. — Eu o corrijo.

Entrando na pequena sala, Geoffrey estuda as prateleiras. — Fascinante. Eu sempre quis uma passagem secreta na Sociedade.

— Vamos colocar o encanto na cópia e seguir nosso caminho? — Sugere Philip.

Irritada com meus fantasmas por me sacanear, estou feliz em encerrar esta situação e com eles por hoje. — O que faremos?

Sarah aponta para a mesa da biblioteca decorada com um pentagrama composto de cristais e ervas. No centro está o livro com as luas douradas. — Eu preparei o altar enquanto você estava pegando o livro. Se você puder colocá-lo em cima do outro, podemos começar.

Capítulo Oito

O grupo se reúne em um círculo ao redor da mesa. Eu empilho meu livro em cima do outro.

— Vamos lançar um círculo sagrado chamando os elementos para se juntarem a nós. Por favor, fechem seus olhos, limpem suas mentes e concentrem sua respiração. — Sarah inspira profundamente e lentamente a solta.

Cada um de nós inspira e exala algumas vezes em sincronia com ela. Minha frequência cardíaca diminui e meus pulmões finalmente se expandem o suficiente para atrair oxigênio profundamente.

— Salve os espíritos do leste, invoco o poder do ar, — ela fala com voz suave.

Abro os olhos e vejo Sarah com o corpo virado para a janela onde a luz suave da manhã entra pela janela. Ela também está falando com Sam.

De frente para Andrew, Sarah diz: — Salve os espíritos do sul, convoco o poder do fogo.

Sarah fala a Tate: — Salve os espíritos do oeste, invoco o poder da água.

De costas para a mesa, Sarah convida o elemento final. — Salve os espíritos do norte, invoco o poder da terra.

Geoffrey, Philips e Smith preenchem as lacunas entre as direções cardeais, deixando-me curiosa sobre seus poderes específicos.

Nos arredores do nosso círculo, minha fantasma brilha em uma forma mais sólida. Eu juro que ela articula “desculpe” com a boca e lamenta com um sorriso.

Depois de invocar todas as quatro direções cardeais e seus elementos correspondentes, Sarah convida o espírito para se juntar ao nosso círculo. — De dentro, para fora. De cima, para baixo.

Movendo-se entre Sarah e Tate, minha fantasma espelha a esfera que Sarah desenha através do ar. Ela também completa o nosso círculo, fazendo do nosso grupo um número ímpar. Eu me pergunto se os outros podem sentir sua presença.

Com o círculo completo, Sarah acende uma vela e a coloca sobre a mesa. Com um sorriso feliz, ela diz entusiasticamente: — Vamos fazer isso.

Sem saber o que fazer, fico com minhas mãos ao meu lado enquanto Sarah entrega um punhado de zimbro[21] a Andrew. Ele cria uma pequena chama na palma da mão e a segura perto do fim do zimbro até que ela desça, enviando uma espiral fragrante de fumaça.

— Obrigada, — ela diz para ele. — Primeiro, vamos manchar[22] os dois livros para remover qualquer energia negativa anexada.

A fumaça escurece antes de empalidecer em um branco puro. Sarah coloca o zimbro em uma grande concha de ostra. Em seguida, coloca um pedaço de labradorita do tamanho da palma da mão e pequenos pontos de turmalina preta em cima de ambos os livros. — Para proteção.

[21] Zimbro é uma planta que forma um arbusto, produz uma espécie de pinha, tem uso medicinal e dela se produz o gin.
[22] Manchar é purificar com fumaça de ervas.

A turmalina é o mesmo cristal que fica no peitoril da janela em nossos quartos na sede.

— Agora nós unimos o poder deles. Repitam depois de mim, — Sarah nos instrui antes de falar suavemente as palavras sagradas. Quando a última palavra é dita, a coluna de fumaça no zimbro faísca e apaga. — Assim foi falado, assim será.

Ela agradece aos quatro elementos e às direções cardeais, terminando com um agradecimento ao Pai Sol e à Mãe Terra. Sarah caminha ao redor da mesa, parando em cada ponto para cortar o ar com o dedo como se estivesse cortando o círculo. Minha fantasma brilha em nada além de partículas de poeira dançando na luz antes de Sarah chegar ao ponto final.

Com alguns estalos de seus dedos, Sarah pronuncia o círculo aberto e o feitiço lançado.

Há uma mudança definitiva de energia na sala. Eu olho para o volume preto liso e solto o foco dos meus olhos. Ele brilha com uma luz azul, lançando um brilho fraco na cópia abaixo dele.

— Eu acho que funcionou.

— Você deve ser a única a esconder o falso, — diz Geoffrey. — Vai ter sua marca nele. — Concordando, eu pego o segundo livro. — Onde devemos colocá-lo?

— Não no quarto escondido. Melhor se mantivermos esse segredo. — Tate cruza os braços.

— Acho que escondê-lo à vista é o mais fácil, — sugere Philips. — Menos bagunça se alguém quebrar a proteção para encontrá-lo.

Minha fantasma reaparece e pula até as estantes de livros. Ela aponta acima da cabeça em uma fileira de livros de ficção encadernados em couro. Seu sorriso é divertido e eu sigo sua orientação para a prateleira.

— Aqui está um bom lugar, mas não consigo alcançá-lo. — Smith se junta a mim. — Onde você quer isso?

— Ao lado do livro de histórias de fantasmas de Edith Wharton. — Eu sufoco minha risada. — É uma piada interna. — Ele desliza o livro preto e dourado ao lado do que eu aponto. — Pronto.

Nos reunimos para olhar nossa obra. A cópia é pequena o suficiente para ser ofuscada pelo resto dos livros de capa dura. Você teria que procurá-lo para notar que está entre os clássicos.

— Perfeito, — Sarah declara, envolvendo o livro real em uma faixa de seda vermelha, que ela vira e amarra ordenadamente cinco vezes. — Madison, você deve ser a única a segurar isso.

— Eu preciso pegar Mildred. — Philips se move em direção à porta da frente.

— Todos nós devemos ir. Quanto mais cedo voltarmos à Sociedade, melhor. — Geoffrey olha para o retângulo coberto de seda vermelha em minhas mãos.

Tate repete o processo de configuração do alarme quando saímos. Do lado de fora, Sarah murmura um rápido feitiço de proteção que tanto Philips quanto Geoffrey repetem. Eu pego o movimento na janela do andar de cima e vejo minha fantasma e seu amante. Eles acenam e eu respondo seu gesto com um pequeno sorriso.

— E agora esperamos, — digo a Andrew, uma vez que estamos voltando para Salem. É uma brincadeira, mas meu tom é pesado e cheio de medo.

***

— Nós nos reuniremos nos arquivos. — Geoffrey não espera que todos nós saiamos do Mercedes antes que ele passe pelo portão nos fundos da Sociedade.

Smith fica ao volante do SUV enquanto o resto de nós sai. — É melhor vocês se apressarem. Ele é como um garoto na manhã de Natal sobre a abertura do livro.

Eu toco o contorno do envelope no bolso, e me certifico de que o livro embrulhado em seda esteja bem apertado contra o meu corpo quando saio do carro. Nem todos na sala sabem do presente da minha avó e, por enquanto, vou guardar esse segredo.

O movimento no final do beco chama minha atenção. Uma jovem magra cruza para o outro lado da rua. Com o cabelo preso sob um boné do Red Sox, é impossível ver a cor. Ela está andando rápido demais para pegar mais do que um vislumbre de seu perfil.

Provavelmente é uma coincidência que ela esteja andando na rua ao mesmo tempo em que chegamos. Estamos no meio de uma cidade lotada. Os pedestres estão em toda parte e menos de 0,0001% deles se preocupam com a Wicked Society e as bruxas.

Tranquilizada, sigo Andrew e Tate pelo portão, Sam atrás de mim.

Nós nos encontramos com Geoffrey na maior sala de conferências do porão. Ele distribui pares de luvas brancas de algodão para cada um de nós.

— Estamos fazendo cosplay do Mickey Mouse? — Tate mexe os dedos em suas luvas.

A mandíbula de Geoffrey se contrai enquanto ele luta contra um sorriso. — Não. Madison, você pode desembrulhar o livro, por favor? — Smith estava certo; Geoffrey está praticamente vibrando de excitação. Ele não deve ter sido amado o bastante na infância.

Desatar a seda usando luvas de algodão é muito mais difícil do que eu imaginava, mas acabo desfazendo os nós de Sarah para revelar a capa lisa.

Geoffrey se inclina para o meu espaço para estudar o couro preto. — Você estava certa. É tão simples quanto poderia ser. Indigno se ser notado.

— Quer que eu o abra? — Minha voz treme. Tanto quanto sabemos, ninguém abriu o livro desde que ele esteve oculto. E quando foi isso, era uma incógnita nesse momento.

— Por favor, faça as honras. — Ele inala bruscamente e prende a respiração.

— Devemos esperar por Sarah e pelo Dr. Philips? Não estavam atrás de nós?

Sarah deveria estar aqui conosco. Philips também. Eles estão tão envolvidos nisso como qualquer outra pessoa aqui.

— Smith vai trazê-los aqui assim que eles chegarem. — Geoffrey se endireita. — Podemos dar-lhes mais alguns minutos.

Andrew encontra meus olhos e acena, confirmando que ele está pensando a mesma coisa que eu. — Por que a pressa?

A voz de Sarah chega na sala de conferências antes dela entrar. — Desculpem o atraso. Nós tivemos que circular duas vezes antes de encontrarmos um lugar para estacionar. Eu odeio dirigir nesta cidade.

Philips e Mildred, em sua caixa, seguem-na para a sala. — O que perdemos?

— Nada, — Andrew e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Jinx[23]. — Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. — Nós estávamos esperando por você.

— Perfeito. — Sarah ajusta seus óculos de leitura antes de escolher um par de luvas e entregar duas para Philips.

Eu quero que este momento seja *o momento* em que tudo muda. Respostas a serem reveladas e mistérios resolvidos. Acho que coletivamente prendemos a respiração quando eu passo a mão pela capa.

— Prontos? — Minha voz está pouco acima de um sussurro. Como em um casamento, quando o pastor pergunta se alguém faz objeção, eu só espero um ou dois segundos para alguém protestar. — Ok, aqui vamos nós.

Oito cabeças se inclinam sobre a mesa enquanto eu cuidadosamente abro a capa.

---

[23] Jinx se diz quando duas pessoas falam uma palavra ao mesmo tempo, quem disser jinx primeiro fica livre da maldição.

A primeira página é coberta com letras espiraladas. Não tenho certeza se é em inglês ou latim. Escrito à mão com certeza.

— Olhe para o papel. É feito à mão. — Philips abaixa a cabeça mais ainda, parando a poucos centímetros da mesa. — Incrível.

— O que a escrita diz? — Sam pergunta.

— Como está escrito, não há nenhum justo, nenhum sequer, — diz Geoffrey em voz alta. — Eu acredito que é da Bíblia.

— Romanos, livro três. — Philips acrescenta: — Vinte anos de educação jesuíta.

— O livro de uma bruxa começa com um verso da Bíblia? — Pergunto. — Tem certeza de que pegamos o certo?

— Abaixo disso continua, 'como está escrito, assim será.' Parece familiar? — Sarah pergunta ao grupo.

— Você usou uma variação disso mais cedo, — diz Sam. — Ainda é usado em feitiços hoje.

— Combinação interessante. — Philips gira sua mão. — Por favor, vamos ver mais.

Aparentemente, meu trabalho oficial é virar a página. Eu vou ter certeza de acrescentar isso ao meu currículo em crescimento.

As páginas seguintes são preenchidas como um livro de registros, com fileiras de letras e números. Não há sequências de texto mais longas que grupos de duas ou três letras seguidas de dois ou quatro números.

— Pelo menos não está escrito no Alfabeto da Bruxa. — Sarah faz uma careta.

— Ou pior, grego, — bufa Philips. — Porque então seria tudo grego para mim.

Nós gememos.

— Você pode continuar? — Geoffrey pergunta. — Talvez haja texto legível mais adiante.

Obedeço, levantando e folheando com cuidado página após página de rabiscos alfanuméricos. Ocasionalmente, uma ilustração ou diagrama interrompe o fluxo.

— Isso me lembra do índice NASDAQ. Ou as velhas fitas de Wall Street, — Andrew diz, pressionando contra o meu lado para um exame mais detalhado.

Pausando, estudo as letras e números. — Alguns são repetidos em cada linha. *N, E, S, W*. Vê?

— Isso poderia ser para a Nova Inglaterra? — Sam pergunta.

— Ou Salem Witches, — diz Philips. — New England Salem Witches (Bruxas de Salem, na Nova Inglaterra). Deve ser isso.

Sarah aperta os lábios com tanta força que ficam pálidos. — Não pode ser assim tão simples.

— Eu concordo. — Geoffrey toca seu braço. Com um suspiro resignado, ele fica em pé e cruza os braços. — Será preciso mais estudos.

Ele parece uma criança que não encontrou o que queria debaixo da árvore de Natal.

— Devemos dar um tempo e voltar a isso mais tarde. — Sarah tira os óculos. — Quem quer café da manhã? Estou faminta.

— A Sra. Peale faz panquecas deliciosas, — sugere Geoffrey. — Eu vou deixá-la saber que vamos ser oito no café da manhã.

— Quem não gosta de panquecas? — Tate pergunta depois que Geoffrey sai da sala.

Mildred sibila de sua caixa.

— Há alguém em todo lugar, — diz ele com uma risada.

A neblina azul cintila no canto e minha fantasma aparece. Seu parceiro não está com ela. Por alguma razão, isso me surpreende. Ele nunca apareceu aqui, mas ela sim. Eu acho que os fantasmas não são inseparáveis por toda a eternidade. Ou pelo tempo que estejam presos como fantasmas.

Tornando-se mais substancial do que neblina, ela sorri para mim. Suas feições são delicadas e uma mancha escura colore seus lábios. Com seu clássico vestido preto e coque arrumado, ela é uma beleza atemporal.

Eu me vejo respondendo ao sorriso.

Ela aponta para o livro e acena em aprovação. Mildred assobia novamente e a garota fantasma lança um olhar sujo para o carregador.

Então eu não sou a única na sala que pode ver espíritos.

Philips carrega Mildred para a sala de jantar e a Sra. Peale abre uma lata de atum para ela. O gesto é recebido com profunda gratidão por Philips, que é definitivamente exagerado e, possivelmente, sua tentativa de flerte. Eu não posso acreditar no que estou testemunhando. Apesar de ser chamada de Sra. Peale, ela não usa aliança de casamento. É difícil dizer

com seu cabelo ruivo brilhante, obviamente colorido, mas eles podem ter aproximadamente a mesma idade. Isso poderia ser uma união de amor?

Dada à estranheza de hoje, nada me surpreende mais.

Capítulo Nove

As próximas duas semanas passam da maneira mais tranquila, prazerosa e frustrante. Nenhuma visita fantasma. Nenhuma viagem de campo. E zero progresso em decifrar o texto do PLP como eu comecei a chamar nosso pequeno livro preto favorito.

Tem sido maravilhoso porque Andrew e eu podemos fugir à noite para explorar a cidade. Eu o convenci a deixar de ser paranoico cada vez que alguém fala conosco. Nós fomos a shows no Seaport[24] e a filmes no Greenway[25]. Passeios românticos ao longo da Esplanade[26] levaram a serões na cama juntos.

O verão finalmente chegou e a vida é boa.

O ar úmido e pegajoso de junho me envolve em um abraço molhado assim que abro a porta do café. Atrás de mim, um ar-condicionado refrescante me acaricia nas costas, tentando-me a fechar a porta e declarar esta minha nova casa.

Eu posso mandar uma mensagem para Andrew e fazê-lo reencaminhar meu e-mail para Angry Archie, o barista mais excêntrico do mundo. Ele é o troll que mora debaixo da ponte, mas o café gelado daqui é bom demais para deixar passar. Além disso, é o local mais próximo da

[24] Seaport é um bairro de Boston.

[25] Greenway é um parque linear, abrange vários bairros de Boston, onde se pode assistir a filmes ao ar livre.

[26] Esplanade é um parque estadual ao redor da baia do Rio Charles, nos bairros históricos de Boston.

sede. Se eu tiver que percorrer mais do que meio quarteirão, eu poderia me transformar em uma poça mole.

— Feche a porta ou eu vou fazer você pagar nossa conta de energia, — Angry Archie grita do outro lado do pequeno estabelecimento.

Sem me virar e reconhecer sua raiva, saio, carregando minha bandeja de cafés.

Uma gota de chuva atinge o topo da minha cabeça antes que seus primos se juntem à festa, caindo sobre meus ombros, pingando das tampas de café de plástico e espalhando-se na calçada aos meus pés.

— Bem, isso é maravilhoso, — eu digo para as espessas nuvens cinzentas acima de mim. — Vocês podem esperar cinco minutos até eu voltar para dentro?

A chuva cai mais forte, como se alguém ajustasse a pressão em um chuveiro.

— Você ouviria ao Andrew! — Levantando a bandeja de cafés acima da minha cabeça, eu tento usá-la como um chapéu de chuva de papelão, murmurando alguns palavrões enquanto atravesso a multidão da manhã na Charles Street.

Homens e mulheres, vestidos em trajes de negócios caros, disputam espaço na calçada com seus enormes guarda-chuvas enquanto caminham para o trabalho ou para a estação de metrô nas proximidades. Meu vestido de algodão, com cerejas vermelhas sobre um fundo preto, junto com a bandeja de vários pedidos de café, grita ‘estagiária’ ou na melhor das hipóteses, ‘novata do escritório’.

Eu não pertenço a esta rua com os tipos ambiciosos e realizados de Boston.

Se eles soubessem o quão diferente eu sou de qualquer um deles.

Aposto que nenhum deles pode ver fantasmas.

Ou ter um namorado que possa iniciar o fogo com sua mente.

Ou um amigo que manipula energia emocional, mas apenas para o bem.

Sempre pelo bem.

Nunca pelo mal.

Verificando o tráfego de mão única, eu saio da calçada para atravessar a rua, me poupando de pelo menos três minutos de suor por não ir para a faixa de pedestres da esquina. Deslizo entre dois carros estacionados, pronta para atravessar a rua, quando um veículo grande e preto bloqueia minha rota fora da faixa.

— Claro que você para bem na minha frente. É claro, — eu murmuro para mim mesma, parando para deixar o carro pretensioso fazer sua coisa.

A janela do passageiro traseiro desliza para baixo, liberando uma nuvem de ar gelado. Meu corpo se inclina para frente, procurando o ar mais frio como uma abelha atraída por uma flor irresistível. Ninguém parece estar sentado na parte de trás, e me pergunto se eles me confundiram com uma cliente de carona extravagante.

— Srta. Bradbury, — uma voz masculina fala meu nome por trás de mim, — um prazer te ver de novo.

Eu pulo e meus ombros se enrijecem, cada músculo se imobilizando com duas constatações. Primeira, estou presa entre os carros estacionados e a monstruosidade em marcha lenta na minha frente. Em segundo lugar, minha fuga para a segurança do meio-fio é bloqueada por Stanford Bradford, pai distante do meu namorado, e suspeito conspirador de ações nefastas.

Por um momento glorioso, mas muito breve, imagino-me jogando os cafés no rosto de Stanford, enquanto ao mesmo tempo, pulo no capô do sedã e desço a fila de carros, do capô ao teto, em uma versão real do jogo 'o chão é lava'.

Estou uma largura da rua e meio quarteirão distante da porta da frente da Sociedade. Até mesmo andando apressada, não posso estar a mais de três minutos de distância.

No entanto, se eu correr até lá, nosso inimigo número um conhecerá o prédio.

Isso não pode acontecer.

Em vez disso, me viro para encarar o homem que me afasta do meio-fio. Fingindo amizade, eu forço meus lábios a se curvarem em um largo sorriso. — Sr. Bradford, que surpresa inesperada.

— Isso não é redundante? Não são todas as surpresas inesperadas? — Ele zomba. Ou ri. É difícil dizer.

— Você fez um bom ponto. Bem, eu não quero reter você. Está chovendo e seu terno deve estar extremamente ocupado. Quero dizer, seu terno está ficando arruinado da chuva. — Envergonhada pela minha

tolice absurda, eu giro meu corpo para passar por ele no espaço estreito entre os para-choques. — Vou andando. Eu esqueci de pegar açúcar.

— Nós vamos te dar uma carona. Você já está encharcada. Não queremos que você fique doente. — Ele dá um passo à frente.

O pânico desliza pela minha pele. Eu olho a altura dos para-choques em ambos os meus lados, contemplando se eu posso pular alto o suficiente para passar um. Quem estou enganando? O melhor que posso esperar é trepar desajeitada no capô ou no porta-malas. — Isso é muito gentil da sua parte, mas estou bem. Apenas a alguns quarteirões do hospital. Para onde eu estou indo. Para o Hospital Geral de Massachusetts. O hospital descendo a rua.

— Eu acredito que está no nosso caminho. Entre. — Ele gesticula além de mim, para o carro que está esperando.

Se seu destino fosse o hospital, ele não estaria dirigindo por esse trecho da Charles. O Hospital Geral fica atrás de nós. Tenho certeza de que ambos sabemos disso e, no entanto, ele está saindo do meio-fio, forçando-me a me afastar para trás.

— Um passeio curto nos dará a chance de colocar a conversa em dia. Eu mal falei, nem com você ou meu filho, na cerimônia de formatura. — Enquanto ele fala, a porta do passageiro se abre.

Nunca entre no carro. Faça uma cena. Não deixe o local.

O conhecimento de cada aula de autodefesa do campus explode no meu cérebro, quando sinto a pressão suave de uma mão no meu ombro.

— Aqui, deixe-me pegar suas bebidas para que você possa se sentar. Eu não quero que você derrame os cafés. — Estendendo a mão ao meu lado, Stanford remove a bandeja das minhas mãos.

Eu estou sendo ridícula. O pai de Andrew pode ser presunçoso e idiota, mas ele não vai me sequestrar na Charles Street, no meio da manhã de terça-feira. Essas coisas não acontecem em Beacon Hill.

Olhando para a rua, tento me tranquilizar que meu cérebro está propenso a exageros, especialmente quando está com pouca cafeína.

Vou mandar um texto para Andrew, Tate e Sam do carro e avisá-los que fiz um pequeno desvio para o Hospital Geral.

Com uma última espiada do outro lado da rua, para a simples casa de quatro andares onde meus amigos estão trabalhando, eu abaixo a cabeça para deslizar para o banco de trás.

Só depois que Stanford se junta a mim e fecha a porta atrás dele eu percebo três coisas.

Um, há uma mulher no banco do passageiro da frente, ao lado do motorista uniformizado.

Dois, meu celular está na minha mesa, plugado e carregando porque eu não precisava dele para pegar nossos cafés matinais.

Três, as mãos de Stanford estão vazias enquanto nos afastamos. O bastardo jogou fora meus cafés. Ele é verdadeiramente um monstro.



Capítulo Dez

Quando o carro do Sr. Bradford vira à direita e se funde na Storrow Drive, eu aceito a ideia de que provavelmente estou sendo sequestrada.

Pelo menos estou usando calcinha limpa. Isso tem que significar alguma coisa.

— Você parece chateada, — Stanford fala ao meu lado.

— Estou me perguntando por que estamos pegando a Storrow em vez de dar uma volta pela Beacon Hill para voltar ao hospital.

— A esta hora do dia é mais rápido para chegar onde estamos indo. — Ele me dá um sorriso tenso.

— Hospital, certo? — Eu esclareço de novo, agarrando-me ao pedacinho de esperança que ele está sendo legal, me dando uma carona.

— Eventualmente. Você não estará muito atrasada. Você tem uma consulta esta manhã? Ou você vai visitar alguém no hospital? Eu assumo o último porque você estava carregando vários cafés. Espero que sua família esteja bem. — Suas palavras fluem em uma torrente, não deixando espaço para minha resposta até que ele termine.

— Minha família está bem. Obrigada.

— Você é filha única, está correto? — Ele assume corretamente, mas eu fico em alerta máximo. Por que ele se importa?

— Sim, assim como Andrew. — Espero que ao citar seu único filho, eu explore qualquer decência humana que resta em seu coração frio e negro.

— Ele não é a razão pela qual você estava indo para o hospital esta manhã, é? Espero que alguém me avise se ele estiver ferido ou doente. — Ele se move em seu assento, puxando os punhos da camisa. Um pequeno sulco de preocupação se forma entre as sobrancelhas e depois desaparece.

Brinco com a ideia de blefar, com a esperança de que ele me leve direto ao Hospital Geral. O campus do hospital é enorme e seria fácil despistá-lo. Infelizmente, passamos pela saída e continuamos. — Eu acredito que seu motorista perdeu o retorno.

— Não, estamos fazendo um desvio rápido primeiro. Há algo que quero discutir com você.

Olhando para o tráfego lento em qualquer pista que nos flanqueia, eu debato sobre pular para fora do banco de trás, e correr de volta para a saída.

— Eu sei que você não gosta de mim, Madison. Você não sabe disfarçar. Mas você deve acreditar em mim quando digo que só tenho em mente o melhor para o benefício e para o futuro de meu filho. Sua mãe envenenou sua percepção do mundo. Se todos pudermos compartilhar o conhecimento contido no pequeno livro preto que você descobriu, acho que podemos chegar a uma posição amigável.

Duvidoso. Se ele quer morar na terra do faz de conta, eu vou fingir que acredito. — Eu não sei do que você está falando. Você quer dizer o café Black Book em Salem? Esse é o único com que estou familiarizada.

— Mentir é uma característica decepcionante e perigosa, senhorita Bradbury. Eu sei sobre sua família e sobre a fazenda da sua avó. Sinto pelo

seu antepassado. Pobre Giles Corey, pressionado até a morte. Você pode imaginar o sofrimento de lentamente ser esmagado, incapaz de inalar uma respiração enquanto as pedras são empilhadas em cima do seu peito? Horrível.

Estranho trazer uma morte de trezentos anos e a fazenda na mesma frase. A menos que ele saiba sobre os ossos. E se ele sabe sobre os ossos, ele provavelmente também está envolvido nos lados escuros da magia. Magia de cadáver.

— Pelo menos nós concordamos sobre isso. — Eu encontro seu olhar, sem piscar, e sem recuar de sua ameaça nada sutil. Com uma inspiração profunda, lembro-me de que Stanford pode ser um idiota intimidante, mas ele não é um bruxo.

Sem poderes. Nenhuma magia à sua disposição. Estudando seu rosto, vejo um homem de meia-idade com linhas ao redor dos olhos e cabelos ralos. Nada notável ou único. Ele poderia ser qualquer outro empresário de sucesso de Boston. Só que ele é obcecado com a única coisa que ele não pode ter ou controlar. Magia.

Uma tosse feminina chama minha atenção para a passageira no banco da frente. Do meu lugar, só consigo ver seu cabelo loiro, na altura dos ombros e enormes óculos escuros. Ela está usando um vestido azul-marinho sem mangas e tem uma pitada de sardas no ombro e no braço. Se eu tivesse que achá-la em uma formação de outras loiras de Boston, eu falharia.

Criando um perfil dela, eu acho que ela passa os verões em Nantucket ou no Vineyard[27], onde joga tênis o máximo possível, e passa suas noites nas várias barracas que vendem moluscos, enquanto usa conjuntos Lilly Pulitzer[28] estampada com lagostas, e chinelos com cores que combinem. Sim, eu estou estereotipando-a com base em seu perfil e no fato de que ela está saindo com um homem chamado Stanford, que tem um motorista para seu caro sedã preto. Ela poderia ser sua assistente ou sua namorada. Ou ambas.

O motorista misterioso segue uma rampa de saída curva e para o norte pela ponte, deixando para trás a cidade e o pretexto de me dar uma carona até o hospital. Nós poderíamos estar voltando para Salem. Ou começando uma viagem para o Canadá. Eu nunca fui raptada antes, então não sei se ser contrabandeada para fora do país é uma opção. Eu acho que precisaria de um passaporte, mas talvez eles planejem me esconder no porta-malas.

É possível que eu tenha visto muitos seriados criminais. Tentando me distrair da minha situação atual, concentro minha mente em outra coisa que não seja ser enfiada dentro de um porta-malas.

As bruxas não são aquelas que estão sempre sequestrando pessoas, especialmente crianças? Essa é a lenda das bruxas 101. Quem constrói uma casa com biscoitos e doces para atrair crianças inocentes? A bruxa. Quem é obcecada com um par de chinelos de rubi ao ponto de

[27] Nantucket e Vineyard são ilhas turísticas que ficam na costa sul de Massachusetts.
[28] Lilly Pulitzer é uma grife de roupas com estampas florais, brilhantes e coloridas.

sequestrar a garota que os usa? A bruxa. Engana crianças, a fim de sugar sua essência juvenil? Bruxas.

Eu estou vendo um padrão.

Não tenho vontade de raptar ninguém, muito menos Stanford Bradford. Parece ser um monte de problemas e não pode ser bom para o seu carma. Não parece incomodá-lo. A menos que o carma possa ser pesado em ouro ou negociado em dinheiro, duvido que o Sr. Bradford esteja interessado.

Este passeio de carro claramente não terminará tão cedo. As palavras de minha avó sobre magia sendo parte uma profecia autorrealizável vêm à mente. Eu mudei minha atitude de *OhMeuDeusFuiRaptada* para visualizar-me andando longe deste carro, ilesa. Eu sou perfeitamente capaz de me proteger. Poderia também usar esse tempo para conseguir informações do inimigo.

— Já que duvido que você me diga para onde estamos indo ou por que, vamos fingir que existe um livro secreto. Quem se importa? As pessoas ficaram obcecadas com os julgamentos das bruxas de Salem por séculos. Eu duvido que exista uma reviravolta ou um ângulo que algum acadêmico ainda não tenha pesquisado. Você já pensou em verificar a Wikipédia? Eu ouvi muitas pessoas usarem o site para informações de colaboração pública. — Eu dou a ele um sorriso desagradavelmente doce.

A mulher misteriosa no banco da frente tosse e murmura algo sobre desrespeito. — Isso é uma perda de tempo, Stanford.

— Obrigado pela sua opinião não solicitada. Eu discordo. — Ele aperta um botão na porta, e uma janela de privacidade escura se fecha, nos separando da frente do carro.

Ele é um idiota de coração de pedra. Eu não posso acreditar que ele é o pai de Andrew e o ex de Sarah. Não há nada de redentor sobre ele. Talvez ele seja o exemplo perfeito de como as pessoas mudam à medida que envelhecem. Tem que ser isso. A versão dos anos 90 de Stanford poderia ter sido legal em um estilo esnobe como Ryan Philippe em *Segundas Intenções*[29]. Taciturno, distante e quieto.

Caramba, agora estou descrevendo o Andrew. Eu odeio pensar que ele compartilha metade de seus genes com o homem ao meu lado.

Eu me pergunto se Andrew está ciente de que desapareci. Sam certamente notaria que não retornei com o café dela. Se eles tentarem me ligar, o telefone tocando na minha mesa chamará a atenção de alguém. Eu espero.

Angry Archie pode se lembrar de que estive lá esta manhã. Eu gostaria de pensar que sob sua frieza, ele se tornou apegado a mim. Do mesmo jeito que eu gostaria de acreditar que agora, Andrew, Sam e Tate estão me procurando. Eu deveria ter deixado um rastro de migalhas de pão ou um sapato para trás.

A chuva nas janelas escurecidas dificulta a visão externa e decifrar para onde estamos indo. Estamos fora da rodovia e serpenteando pelos

[29] Segundas Intenções é um filme onde Ryan Philippe interpreta o papel de sedutor, que faz apostas sobre sexo com sua irmã de criação.

bairros com casas coloniais e árvores velhas. Nós poderíamos estar em qualquer lugar.

Stanford exala um suspiro exasperado. — Para responder à sua sugestão sarcástica, nem tudo pode ser encontrado na Internet. Como ambos sabemos, o livro de que falo está localizado na biblioteca Winthrop em Marblehead.

— É para onde estamos indo agora? — Eu pergunto, me permitindo um pequeno impulso de alívio de que ele não sabe que o livro foi removido.

— Eu não posso entrar na casa sem ser convidado, — ele responde a minha pergunta sem responder a minha pergunta.

— Por que você acha que posso ajudá-lo? Eu não sou uma Winthrop. Não posso entrar sozinha na casa deles e sair com um pedaço da propriedade deles.

— Garota boba, eu não espero que você pegue o livro.

— Então por que se preocupar em me sequestrar?

Sua quase inexistente risada soa entediada com a minha sugestão. — É isso que você acha que eu fiz? Nós só estamos dando um pequeno passeio para que possamos conversar e nos conhecer.

Eu arqueio uma sobrancelha. Ele é o mestre em nunca responder minhas perguntas. — Bem. Qual é a tua cor favorita? Você é vegetariano? Bebedor de uísque? Fã do Red Sox? Espere, você não é um, — eu adiciono uma pausa dramática, — fã dos Yankees, é?

Minha careta é exagerada de propósito. Não adianta fingir que um de nós será aberto ou honesto. Eu prefiro conhecer uma cobra ou abraçar um porco-espinho.

— As pessoas acham você encantadora? — Ele pergunta. — Meu filho deve ver algo em você. Pelo que percebi, você está muito acima da média, mas não é notável.

Eu realmente poderia consumir mais café para aturar suas bobagens. — Alguma chance de podermos passar por um Dunkin a caminho de onde estamos indo ou não indo? Você jogou fora meu café mais cedo.

— Estamos quase lá.

Espreitando pela janela, vejo uma placa preta e branca de *boas-vindas a Marblehead*.

Isso vai ser interessante.



Capítulo Onze

Ao contrário da minha visita com Andrew e ao grupo há algumas semanas, a chegada de hoje à Mansão Winthrop envolve subornar o jardineiro no portão. Pelo menos eu suponho que há dinheiro dentro do envelope que Stanford puxa do bolso do paletó.

Parte de mim quer lembrá-lo sobre os feitiços de proteção da casa, mas depois lembro que ele é um cogumelo humano. Tóxico.

Chegamos na casa e o motorista estaciona nos degraus.

Stanford abaixa a tela de privacidade. — Fique no carro. Isso não demorará muito.

Sua companheira-assistente-namorada loira abre a porta.

— Isso inclui você também, — Stanford a repreende. — Não são necessárias quatro pessoas para pegar um livro.

— Mas e se ele estiver encantado? — Ela pergunta, mal-humorada. — Você não está preparado para lidar com magia.

— E é precisamente por isso que vou entrar. Eu encontrei uma brecha. — Stanford abre sua própria porta e sai. — Pelo menos a chuva parou.

Eu não me movi nem um centímetro durante o seu breve festival de veneno, supondo que também permanecerei esperando no carro. Dada a tensão entre Stanford e a mulher, estou esperançosa de poder conversar com ela por informações, de mulher para mulher.

— Madison. — Stanford parece irritado. — Nós não temos o dia todo. — Eu encontro seu olhar quando ele abaixa a cabeça no carro.

— Oh. — Eu me controlo enquanto deslizo sobre o assento para sair pela porta.

— Eu não trouxe você junto para uma conversa estimulante. Vamos deixar isso claro. Você encontrará o livro e o dará para mim. Não se incomode tentando se esconder ou escapar. Eu ouvi rumores de um estudante armado de Hawthorne, invadindo casas de verão e roubando coisas para vender por dinheiro para drogas. Você se encaixa perfeitamente na descrição.

Minha boca cai aberta. — Você iria me enquadrar por arrombamento?

— Pessoas foram mortas durante as invasões nas casas. Nós não queremos que isso aconteça com você antes que você possa conseguir a ajuda que você precisa na clínica de reabilitação privada em Boston. Eu acredito que você está fazendo um programa de 90 dias neste verão. No entanto, a história oficial é que você está fazendo estágio para o arquivo da família Winthrop. Vergonhosamente, você aproveitaria sua conexão com eles para alimentar seu vício.

Seus olhos nunca deixam os meus.

O pânico *OhMeuDeusFuiRaptada* de mais cedo transforma-se em *OhMeuDeusEleVaiMeIncriminarEntãoMeMatar.* Toda a minha ousadia e sarcasmo desaparecem em um puf de fumaça acima da minha cabeça.

— Você está falando sério? — Eu sussurro e, em seguida, limpo minha garganta. — Você é o pai de Andrew. Você o destruiria se fizesse isso.

— Nós estamos entendidos, senhorita Bradbury?— Stanford ignora a minha pergunta, inclinando a cabeça para o lado enquanto espera pela minha resposta. — Você me ajudará a recolher a propriedade da minha família e eu a devolverei em segurança a Beacon Hill. Nunca mais falaremos disso de novo, e seremos civilizados um com o outro sempre que nossos caminhos se cruzarem.

— E quanto a Andrew? — Não tem como eu não poder compartilhar isso com ele.

— Dizer a ele o que? Não haverá testemunhas ou provas desta saída além da sua palavra contra a nossa. Três histórias que se alinham e podem ser corroboradas em relação às suas? Sem muito boas chances de sucesso para você. Além disso, sou um membro rico, respeitado e conectado, da elite de Boston. Sem mencionar que eu venho de uma importante família da Nova Inglaterra, com linhagem traçada até o Mayflower[30]. — Sua atenção muda para a porta da frente se abrindo. — Ah, Phyllis. É bom ver você de novo.

De pé no limiar há uma desconhecida mulher mais velha, em um uniforme preto e branco. Eu acho que nunca a vi antes. Na verdade, nunca houve nenhum funcionário na casa quando estivemos aqui. Agora que penso nisso, é estranho também. Uma casa desse tamanho deve ter um zelador em tempo integral ou um administrador de propriedade. Vou ter que perguntar ao Tate.

[30] Mayflower é o navio que trouxe peregrinos da Europa para o Novo Mundo em 1620.

— Sr. Bradford. — Sua voz não tem emoção e seu rosto é uma página em branco por trás das grossas lentes de seus óculos.

— Vamos, Madison? — Ele gesticula para eu andar na frente dele. Ele segura outro envelope grosso na mão dele.

Ela aceita isso dele, colocando o retângulo fino no bolso do avental antes de dizer as palavras mágicas: — Por favor, entrem.

Eu me pergunto se ela sabe sobre a casa e a magia que a cerca.

— Obrigado, Phyllis. — Stanford pressiona suavemente a mão na parte inferior das minhas costas para me encorajar a entrar.

Seu toque faz subir bile na minha garganta. Nem três minutos atrás ele me disse como me mataria e escaparia disso. Não, ele que não se atreva a me tocar. Eu não me importo com o que Phyllis pensa, quando eu pulo longe de sua mão como se ela queimasse minha pele.

Não há como ela não notar minha reação, mas seu tom ainda é monótono quando ela nos diz: — Sigam-me. Eu vou lhes mostrar a biblioteca.

Ela anda mancando levemente na perna esquerda. Estudando as costas dela, eu decido que o cabelo dela é provavelmente uma peruca. Eu notei essas duas coisas para compartilhar com o Tate, então ele saberá qual pessoa dispensar.

— Isso não deve demorar muito, mas não queremos atrapalhá-la. — Stanford entra na biblioteca, deixando-me no foyer com Phyllis.

— Se você precisar de alguma coisa, por favor, me avise. — Ela mantém sua voz baixa, quase um sussurro. Quando ela dá um tapinha no

meu braço e me dá uma piscadela exagerada, percebo que tenho uma aliada.

— Madison, — Stanford diz meu nome com uma mistura de aborrecimento e desprezo.

— Obrigada, — eu sussurro para Phyllis.

Dando alguns passos na biblioteca, vejo minha fantasma sentada no braço de um dos sofás perto da lareira. Ela observa Stanford examinar as prateleiras, o nariz enrugado em desgosto. Me avistando, ela muda para um sorriso.

Nós nunca tivemos uma conversa, mas seus gestos de mão transmitem o suficiente para eu entendê-la. Ela não é fã do Sr. Bradford também.

Deixando seu poleiro, ela se aproxima logo atrás dele, imitando seu caminhar e postura. Ela seria uma campeã em mímicas.

Claro!

Além do riso dela, nunca ouvi a sua voz. Não sei se ela consegue falar, mas ela pode me entender quando falo.

Posso usar isso para comunicar o que está acontecendo.

— Você é fã de livros, Sr. Bradford? Seu filho e eu nos conhecemos na aula de inglês. Você sabia disso? Andrew adora ler. — Eu me certifico de que a fantasma entenda.

Seus olhos se arregalam e ela aponta para Stanford enquanto ela balança a cabeça. Eu aceno em confirmação. Ela finge vomitar e depois desaparece.

— Livros são uma perda de tempo. Agora, onde está? — Ele me encara com uma carranca. — Não continue fingindo que você não sabe. Meus espiões me disseram que você o achou na biblioteca.

Espiões? Sra. Howe e suas anotações tricotadas, mas há mais alguém dentro do coven fazendo sua vontade?

Ambos os fantasmas se materializam perto de Stanford, flanqueando-o. O namorado de smoking parece perturbado e olha para o hóspede não convidado.

— Bem. Você me pegou. — Eu passeio casualmente ao redor da sala com as mãos estendidas.

— O que você está fazendo? — Pergunta ele.

— Eu só tive visões do livro. Eu preciso me prender em sua energia para encontrá-lo. Existem milhares de títulos nesta biblioteca. Vou tentar invocar o certo. Vamos ver, como faremos esse feitiço? — Eu bato no meu queixo. — Certo. Livros antigos, histórias já contadas, se você é o único para mim, voe, voe para mim.

Fazendo contato visual com os fantasmas, aponto os livros nas prateleiras acima da cabeça de Stanford. Rindo, eles acenam e flutuam do chão.

Um segundo depois, uma cópia pesada e encadernada em couro de *Guerra e Paz* desliza da prateleira e cai na cabeça de Stanford.

— Aí, — ele grita, esfregando o topo de sua cabeça. Olhando para o livro apoiado em seu sapato, ele se queixa: — Este é Tolstoi. Seu feitiço não funcionou.

— Deixe-me tentar de novo. — Esfregando meu rosto, eu simulo me concentrar.

Mais livros caem das prateleiras. Ele é eficiente em se esquivar dos volumes pesados, mas não pode escapar do bombardeio, mesmo quando ele corre para o centro da sala. Enquanto ele cobre a cabeça, os livros começam a se acumular em torno de seus pés.

— Faça-os parar! Isso não está funcionando, — ele grita e se arrasta atrás de um sofá.

— Aí, eu fui atingida também. — Faço um gemido de dor. — Livros antigos, autores mortos, por favor, parem de me atingir na cabeça.

Os fantasmas pausam seu ataque, expressões vertiginosas em ambos os rostos. Eu imagino que isso é mais diversão do que eles tiveram em muito tempo. Sua luz azul cintila e brilha ao redor deles.

Minha diversão acabou, eu quero sair daqui e voltar para o Andrew. — Oh,veja. Aí está.

Stanford fica em pé e então afasta o terno. — Onde?

Eu aponto para a seção da Wharton. — A única lombada preta lisa.

Ele passa pelos livros no chão, escorregando e quase caindo de cara. Provavelmente mesquinha, mas estou amando cada pequena humilhação.

Em triunfo, ele puxa o livro preto da prateleira e o segura acima da cabeça. — Roubado dos Bradfords por bruxas inescrupulosas há mais de um século, finalmente retornou ao seu dono legítimo.

Minhas sobrancelhas se contraem. — Sua família? Mas achei que fosse um livro de magia.

Do bolso de sua jaqueta, ele puxa uma folha plástica de arquivo, cuidadosamente desliza o livro para dentro e sela o fecho. Alívio se espalha no meu peito que ele não vai abrir o livro aqui. Menos chance que ele descubra algo sobre isso.

— Chega de perguntas. Vamos. — Ele endireita as costas e passa a mão pelo cabelo.

Os fantasmas olham para ele enquanto ele pisa em capas de livros e lombadas em vez de contornar. O homem do smoking desaparece, apenas para reaparecer novamente no caminho de Stanford. Eu vejo quando o fantasma estica o pé e o faz tropeçar.

Definitivamente não sou o tipo de pessoa que tolera a violência, nem gosto de filmes violentos, mas eu quero dar um 'toca aqui' nos fantasmas agora mesmo.

Stanford tropeça e quase fica de pé, mas seu equilíbrio não é páreo para o fantasma dando-lhe um empurrão por trás. A porta da frente se abre, evitando por um triz acertá-lo na cabeça, e Stanford cai através dela.

Do meu lugar na biblioteca, não consigo ver o pouso dele, mas acredito que não seja bonito. O riso uivante preenche as salas depois que a porta da frente se fecha.

Fantasmas aparentemente adoram piada física.

— Pelo menos desta vez, você fez isso para outra pessoa, — eu bufo antes de me juntar ao riso. Enxugando as lágrimas dos meus olhos, consigo dizer-lhes obrigada.

Ambos os fantasmas começam a desaparecer e a sala volta ao silêncio novamente.

— Vocês poderiam dizer adeus. — Eu espero um momento para ver se eles reaparecerão. — Bem. Eu acho que os vejo por aí.

Phyllis me encontra no foyer. Seus olhos se arregalam quando ela vê a biblioteca atrás de mim. — Está tudo bem? Onde está o Sr. Bradford?

— Você não ouviu nenhuma comoção? — Pergunto. — Tivemos um pequeno incidente. — Eu torço para apontar o caos de livros no chão. — Eu ficaria para ajudar, mas duvido que o Sr. Bradford me deixe.

Quando olho para a biblioteca, está exatamente como quando chegamos. Nenhum livro cobre o chão. Nem uma coluna está desalinhada.

A única mudança é que um único pedaço de papel creme repousa no chão perto da entrada da biblioteca.

— Você deixou cair alguma coisa? — Phyllis aponta para a página.

— Como isso é possível? — Eu murmuro para mim mesma. Quando chego perto o suficiente para ler, vejo que há uma etiqueta no meio da página. Pegando do chão, eu leio a elegante escrita cursiva.

Este livro é propriedade da Srta. Alice W.

A luz azul no canto me chama a atenção. Minha fantasma está de volta. Ela aponta para o papel e depois para ela mesma.

— Alice? — Eu sussurro.

Com um sorriso feliz, ela confirma que é o seu nome.

— Prazer em conhecê-la, Alice. — Respondo ao sorriso dela. — Obrigada por toda a sua ajuda.

— Você disse alguma coisa? — Phyllis para ao meu lado.

Uma buzina de carro quebra o silêncio dentro da casa. Não um daquele tipo de ruídos amigável Tú-Tú , mas uma longa explosão frustrada da hora do rush de Boston.

— Eu devo ir. Obrigada, Phyllis.

— De nada, Madison. Diga a Tate que agradeço o dinheiro extra. — Ela toca meu braço, chamando minha atenção para seu rosto enquanto me olha por cima dos óculos grossos.

— Mary Parker? — Eu pergunto, sabendo que é a mesma mulher do coven de Salem. — O que você está fazendo aqui? Sarah sabe?

Seu sorriso diz tudo. — Foi ideia dela eu interpretar a governanta. Eu fiz um bom trabalho com o meu traje e feitiço desconcertante? O mancar foi ideia minha.

— Você estava perfeita. — Chocada, mas feliz por ter tido uma aliada viva aqui o tempo todo, eu dou-lhe um abraço rápido. — Por favor, mande uma mensagem para Sarah que a missão foi um sucesso e estou voltando para Boston.

— Eu vou ligar para ela no segundo que eles se forem. — Ela agita os dedos várias vezes. — Eu vou ter que manchar a casa e dirigir depois que eles forem. Pessoas terríveis.

Do lado de fora, reprimo meu sorriso e enrolo meus lábios em uma carranca.

O motorista, com seu chapéu formal de chofer, está parado junto à porta aberta do passageiro. — Sr. Bradford prefere que você viaje na frente comigo. Vamos deixá-la na rua Charles.

— O Sr. Bradford está bem?— Eu pergunto, cautelosamente me aproximando dele.

Ele franze a testa. — O senhor cortou sua bochecha quando tropeçou saindo da casa.

Essa é uma maneira de recontar o que aconteceu.

— Tudo bem por mim. — Eu deslizo no banco do passageiro. O cheiro de perfume caro, mas enjoativo, perdura no espaço. Abrindo minha janela, espero limpar o cheiro. A tela de privacidade já está ativa e só consigo ouvir conversas murmuradas no banco de trás.

Além da ameaça de morte, eu diria que tem sido um bom dia no geral. O que é dizer muito, porque eu ainda não tomei meu café.



Capítulo Doze

O motorista estaciona no local exato onde me pegou esta manhã. Agradeço-lhe por seu manejo seguro e consciente do carro. Ele apenas balança a cabeça.

— Bem, isso foi adorável. — Eu não tenho certeza se Stanford pode me ouvir através do vidro de privacidade, e não quero ficar no carro, caso ele mude de ideia sobre me liberar.

Estou fechando a porta quando a janela do passageiro traseiro se abaixa, revelando o rosto carrancudo de Stanford. — Lembre-se de manter nossa visita de hoje para você. Espero que esta seja a última vez que temos que discutir este assunto, — ele me repreende do banco de trás.

— Tenha um bom dia, Sr. Bradford. — Meu tom monótono diz que não estou falando sério.

Mantendo minha fachada para ele no caso de ele puxar mais trapaças, eu dou um passo para o meio-fio. Meu pé cai em uma poça. Eu olho para baixo e vejo que estou em uma poça de café e água da chuva. Chutando os copos plásticos transparentes, olho para a janela traseira do carro preto que sai.

Ele não é apenas um bastardo por jogar fora os meus cafés, ele é um poluidor.

Stanford, você é a definição de covarde.

Precisando de algum tempo e distância de Stanford e de seu carro antes de voltar para a sede, decido comprar um novo café gelado do Angry Archie.

O mesmo delicioso ar condicionado me recebe quando entro no café. Diferentemente da maioria das vezes que venho aqui, há uma fila de pessoas no balcão esperando para ser servida. Dividida entre a cafeína e deixar Andrew saber que estou bem, paro com a porta aberta.

— Eu vou contar até dez, e se você não fechar a maldita porta, você me deve dinheiro, — Archie grita do fundo do lugar.

— Desculpe. — Liberando a maçaneta, eu deslizo para trás da última mulher na fila.

— Você, — diz ele em um volume mais baixo, mas ainda irritado.

Eu suponho que ele está pegando o pedido da próxima pessoa e o ignoro.

— Você, no fundo. — O estrondo de Archie é voltado para mim.

Apontando para mim mesma, eu pergunto: — Eu?

— Com quem mais eu estaria falando? Não responda isso. Estou muito ocupado para mais do seu drama.

Minhas sobrancelhas se lançam em direção a minha linha do cabelo.

— Seus amigos estiveram aqui procurando por você algumas horas atrás. Fizeram um grande barulho sobre você estar desaparecida.

— Eles fizeram?

— Não é da minha conta, mas talvez seja melhor não ser a imbecil que finge para as pessoas ir tomar café, e depois desaparecer para fazer

sua própria coisa. — Claramente enojado por eu ser esse tipo de pessoa, ele revira os olhos.

— Obrigada pelo conselho. — Eu abro a porta e corro para fora. Checando a rua por carros negros à espreita, atravesso e continuo meu passo rápido subindo a ladeira até a Sociedade.

Focada em lembrar cada detalhe da manhã, eu não presto atenção a outros pedestres, que é como eu acabo batendo em alguém andando em minha direção.

— Desculpe, desculpe. — Peço desculpas e esfrego meu ombro, onde fiz contato com uma mulher de óculos escuros e um boné do Red Sox.

— Você está bem? Isso foi totalmente minha culpa. Ela remove os óculos.

— Ei, você não é a garçonete da pizzaria?

Ela pisca para mim e parece confusa com a minha pergunta.

— Aquela na Charles? Você deu a mim e ao meu namorado uma sacola para levar nossa garrafa de vinho. — Meus olhos saltam sobre suas feições.

— Ah, talvez. Eu trabalho em lugares diferentes. Ela desloca os pés e caminha ao meu redor.

— Madison! — Andrew corre pela rua. Vendo seu rosto lindo e preocupado, eu me esqueço da garçonete e seu comportamento estranho, e corro ladeira acima em sua direção.

Ao contrário de quando me lancei para ele na sala secreta, desta vez ele me pega. Seus braços envolvem firmemente em volta da minha cintura enquanto ele me levanta, girando em torno de nós em um círculo.

— Eu estive tão preocupado. Você não está com seu telefone. Ninguém sabia onde você estava. Você está bem? — As palavras saem de sua boca até eu silenciá-lo com um beijo, que ele imediatamente aprofunda em algo íntimo e apaixonado, e que nunca é visto nas ruas de Beacon Hill.

— Vocês dois vão se destacar aqui, fazendo uma cena? — A voz risonha de Tate quebra o encanto ao nosso redor.

Eu abro meus olhos o suficiente para identificar Tate e Sam juntos na calçada a poucos metros da sede. — Nós provavelmente devemos levar isso para dentro.

Andrew me beija novamente e começa a nos levar de volta ao morro.

Envolvendo minhas pernas em torno de seus quadris, eu digo a ele: — Você pode me colocar para baixo.

— Não, não posso. Não só eu não posso te por para baixo, eu não quero. — Ele cimenta minha boca com leves beijos entre suas palavras. — Tem certeza que você está bem?

— Eu vou te dizer uma vez que estivermos fora da calçada pública. — Eu olho para trás para ver se a garçonete ainda está vagando por lá. Não há mais ninguém na calçada.

Ela não pode ser um fantasma, certo? Ela nos serviu vinho e pizza. Se não é um fantasma, então ela é amiga ou inimiga? Ou uma vizinha qualquer?

Balançando a cabeça na mini obsessão crescendo em minha mente, eu me concentro em Andrew e nos eventos de hoje.

***

Andrew me leva até as escadas e entra na biblioteca, não soltando minha mão até que ele se senta no sofá e depois me puxa para o seu colo.

— Sem mais usar Madison como isca. Nunca mais. — Seu tom irritado me surpreende.

— Sarah e Tate tiveram a ideia de plantar membros do coven na casa como segurança extra.

Andrew olha para Tate.

— Pare com isso. Nós não poderíamos dizer a você, nenhum de vocês. — Geoffrey reivindica sua cadeira favorita. — Se você soubesse, arruinaria o plano. Precisávamos de uma reação autêntica de Madison para atenuar qualquer suspeita.

— Espere aí. — Eu levanto a minha mão e viro para enfrentar Geoffrey. — Você sabia que Stanford me sequestraria? E você estava bem com isso?

— Vê? Ela está chateada e tem todo o direito de estar. — Andrew aperta o braço em volta da minha cintura. — Você não tinha o direito.

Eu não acho que estou tão brava quanto ele.

— Se a Sra. Howe é a toupeira, ela sabia que Madison localizou o livro no solstício de inverno. Por causa disso, suspeitamos que Bradford viria atrás de Madison em algum momento. Ele não é um homem estúpido e sabe o suficiente sobre magia para perceber que não poderia reivindicar seu prêmio sem a ajuda de um de nós. Andrew não daria certo por causa de sua desavença. Tate pode parecer a escolha lógica, mas por que ele permitiria que Stanford roubasse sua família? Isso deixou Sam e Madison. Sem ofensa, Sam, mas sabíamos que não seria você. Dada a relação tensa entre Andrew e seu pai, sequestrar a namorada de seu filho seria uma vitória para Stanford em dois níveis. Pegar o livro e irritar seu filho. Ele provavelmente está regozijando-se com os membros de seu clube agora sobre sua vitória.

Meu estômago se agita com acidez extra com a ideia de ser enganada pelo troll conhecido como Stanford.

— Pelo bem maior, o plano funcionou perfeitamente. Bom trabalho, Madison. — Orgulho brilha através das palavras de Geoffrey.

— Sim, bom trabalho, — acrescenta Smith. — Criativa sob pressão. Impressionante.

— Ele ameaçou me matar e fazer parecer um assalto relacionado a drogas, — murmuro as palavras enquanto luto contra um bocejo. A adrenalina desaparece, deixando-me exausta e com as pálpebras pesadas. Mesmo no meu estado semiadormecida, encolhida em seu colo, sinto o corpo de Andrew ficar completamente imóvel sob mim. Ele parou de respirar. Eu me concentro no rosto dele e vejo um leve tique muscular trabalhando em sua mandíbula. — Andrew?

— Ele fez o que? — Sua voz é baixa e soa mortal.

Eu preencho as lacunas das informações dos eventos do dia, tentando passar por cima da ameaça de morte. O corpo de Andrew se tenciona de raiva a cada novo detalhe. Quando os outros riem das palhaçadas dos fantasmas, ele nem sorri.

— Oh, e Alice se apresentou para mim. — Eu cutuco o ombro de Andrew para chamar sua atenção.

Ele para seu concurso de encaradas com a janela e pisca para clarear sua visão. — Quem é Alice?

— Minha fantasma. Ela me mostrou seu nome em uma etiqueta do livro em uma das capas duras danificadas. Senhorita Alice W.

— Poderia ser Winthrop? — Sam pergunta a Tate.

— Ou Wildes? — Eu digo.

— Não se esqueça de Wardwell, — acrescenta Geoffrey. — Pelo menos nós reduzimos para os W's. Podemos pesquisar isso no arquivo.

Andrew rosna. — Quem se importa com o nome da fantasma? Meu pai está lá fora, vitorioso por seu prêmio. Você não acha que ele virá atrás de Madison quando perceber que o livro não é real? O que então? Como vamos protegê-la?

Uma onda de calma se espalha sobre mim como um cobertor.

— Pare com isso, Tate. Eu não preciso que você manipule minhas emoções agora. — Andrew dá um tapinha no meu lado, e eu saio do seu colo para evitar ser jogada no chão quando ele se levanta. Ele anda ao redor da sala por um minuto enquanto o resto de nós observa em silêncio. — Estou saindo. Não tentem me impedir. Prometo que não farei

nada estúpido, mas não posso me sentar aqui e falar sobre árvores genealógicas quando metade da minha é podre.

Ele sai da sala. O som de seus passos descendo as escadas e depois a porta se fechando confirmava que ele estava falando sério.

— Vamos atrás dele? — Eu pergunto a Tate.

— Deixe-o se acalmar por alguns minutos. Ele provavelmente vai andar pelo quarteirão algumas vezes antes de perceber que está sendo um idiota. — Tate me dá um sorriso simpático.

Eu nem me importo que Tate esteja inundando a sala com energia calmante como uma versão humana de um propagador de petróleo.

— Alguém se importa se eu tirar uma soneca? — Eu me esforço para levantar do sofá e caminho para as escadas traseiras.

— Descanse e nós vamos trazer o almoço, — diz Sam. — Ninguém vai trabalhar hoje de qualquer maneira. Nós podemos devorar alguns episódios de *Doctor Who* mais tarde.

— Parece bom. — As palavras saem indistintas e turvas quando outra onda de sonolência cai sobre mim.

Caída na minha cama, ainda sinto o cheiro do Andrew no travesseiro dele. Ele não dormiu nenhuma vez em sua própria cama o mês inteiro em que estivemos aqui. *Nossa, faz apenas um mês?* Este é o verão mais longo de todos os tempos.

Eu rapidamente tiro meu vestido e coloco sobre o cesto de roupa suja. O pedaço de papel creme da biblioteca sai do bolso.

— Oops, não quero isso passando pela lavagem. — Eu desdobro a página e aliso o vinco leve.

Este livro é propriedade da Srta. Alice W.

Não tenho certeza se Alice ainda está na casa de Winthrop com seu homem bonito ou em algum lugar neste edifício, eu digo um silencioso agradecimento a ela pela ajuda e a dica hoje, enquanto rastejo sob minhas cobertas.

***

Quatro horas depois, tive uma soneca de noventa minutos, uma tigela de macarrão feita pela Sra. Peale, e assisti a dois episódios de *Doctor Who* com meu favorito, David Tennant. Até que eles fizessem do décimo terceiro doutor uma mulher, eu teria lutado com qualquer um que não concordasse que o décimo doutor é o melhor.

Sam não é uma grande fã, então eu sei que ela está sendo gentil sentada comigo.

— Você não tem que ser minha babá. — Eu puxo meu cobertor até o meu queixo, me arrependendo de não embalar pijamas de flanela.

— Eu não sou. — Ela come um pedaço de pipoca da tigela apoiada em seu colo. Eu dou a ela um olhar que diz que não estou caindo nessa.

— Bem. Você desapareceu por horas hoje e foi sequestrada por uma macaca do baralho[31].

Eu não me importo se ele é o pai de Andrew, ele é horrível. Então descobrimos do Geoffrey que tudo faz parte do 'plano maior' mas ninguém se incomodou em dizer aos lacaios.

[31] Sam não fala palavrão, 'macaca de baralho' substitui 'babaca do caralho' que é o que ela quer dizer com substituição sonora, ou usaria-se "popança maculada" que substitui pelo significado "cuzão imundo" .

— Macaca do baralho pode ser o seu melhor palavrão falso até agora. Eu sorrio para ela. — Eu gosto disso.

— Obrigada. Sinta-se livre para usá-lo.

— Eu vou.

— Meu ponto é que tem sido um dia difícil. Andrew estava apoplético e Tate teve que subjugá-lo, o que os levou a brigar.

— O que? — Eu me sento. — Como com punhos e socos?

— Discutindo. Eu nunca os vi assim. — Suas sobrancelhas franzem.

— Eu deveria mandar uma mensagem para ele. Certificar-me de que ele está bem. — Eu examino a mesa de café enquanto dou tapinhas no cobertor, tentando encontrar meu telefone. — Devo ir encontrá-lo?

— Nem pense nisso. Envie-lhe uma mensagem.

Localizando meu telefone no vinco entre as almofadas, vejo que tenho três mensagens de Andrew. Eu levanto a tela para Sam ver.

— Pelo menos ele está vivo.

Eu toco na tela e o tópico do texto aparece.

— Ah, merda.

Ela gira o telefone para encará-lo. — Oh lerda[32] é justo. Vamos encontrar o Tate e o Geoffrey. Não tem como você ir sozinha.

[32] Lerda deve ser a forma dela evitar falar palavrão, Oh,shit/ sugar jets, troquei por sonoridade da palavra merda .



Capítulo Treze

Geoffrey insiste que Smith nos leve. Eu argumento que vai ser mais rápido andar porque é hora do rush à noite. Eu perco essa luta.

Quando Smith estaciona na frente do Hospital Geral de Massachusetts, abro a porta antes que a Mercedes pare completamente. Sem esperar por ninguém, eu nem caminho rápido, corro pelas portas da frente. Uma grande recepção domina o lobby. Não me incomodo em pedir informações quando passo. Eu sei que tenho que subir até os quartos dos pacientes e virar em direção ao elevador.

Sam e Tate me alcançam enquanto pressiono o botão para subir.

— Qual é o plano? — Tate pergunta, puxando meu dedo para longe da parede. — Precisamos de um plano.

— Andrew está lá em cima e chegar até ele é o meu objetivo. O que vem a seguir depende se ele está bem. — Meu estômago revira com medo e muita pipoca.

O elevador mais lento do mundo finalmente chega, entregando dois pacientes em cadeiras de rodas e seus familiares confusos e atordoados. Eu juro que o tempo diminui à medida que esperamos que eles saiam.

— Que andar? — Tate pergunta uma vez que estamos dentro.

Uma mão impede as portas de fecharem e eu gemo: — Você está brincando comigo?

— UTI Neuro é no sexto andar, — Geoffrey diz calmamente quando ele entra no elevador.

— É seis.

O tempo definitivamente desacelera à medida que subimos.

A enfermaria está vazia quando chegamos e isso é provavelmente o melhor, porque não somos da família do paciente, e não tenho ideia quais são os horários de visita.

Meus sapatos rangem no chão altamente polido enquanto calmamente caminhamos pelo corredor, espiando em cada quarto por Andrew. O apito dos monitores e o cheiro de sabonete antisséptico não fazem nada para acalmar meus nervos. Eu odeio hospitais.

Nós viramos a esquina e eu engasgo. Andrew se debruça contra a parede do corredor. De sua pose exausta, a parede está segurando-o.

— Andrew? — Eu digo seu nome suavemente como chamando um gato arisco.

Sem levantar a cabeça, ele rola para o lado e olha para mim. — Ei.

Eu vou até ele, enrolando-me contra seu peito e segurando-o em meus braços.

— Meu pai está em coma, — ele murmura. — Eu o encontrei inconsciente em seu apartamento.

— Nós sabemos, nós lemos suas mensagens. — Tate coloca a mão no ombro de Andrew.

— Eu não fiz isso. Eu juro — sussurra Andrew. — Eu não fiz isso. Pensei em fazer alguma coisa, vingar o que ele fez com Madison esta manhã. Eu nunca vou perdoá-lo, mas eu não tentaria matar meu próprio pai.

— Eu acredito em você. Todos nós acreditamos. — Eu me afasto para olhar em seus olhos.

— Você não foi o único a querer se vingar dele. — Sam se aproxima do nosso lado. — Eu chamei-o de macaca do baralho mais cedo.

Os lábios de Andrew se curvam uma pequena fração em diversão. — Cruel, Sam.

— Eu sei. — Fingindo vergonha, ela abaixa a cabeça.

— Você quer que a gente fique? — Eu pergunto a ele. — Nós faremos o que você quiser.

— A polícia está envolvida? — Geoffrey pergunta, um tom nervoso em sua voz. — Nós provavelmente devemos evitar qualquer conexão direta.

— Liguei para o 911 por uma ambulância. Haverá um registro disso, mas eu disse a eles que ele estava inconsciente quando cheguei. Eles disseram que a lesão em seu crânio era consistente com uma queda. É possível que ele tenha escorregado e caído da escada. — Andrew se endireita e aperta seu abraço em mim. Com um beijo rápido na minha cabeça, ele me libera. — Estou bem. Eu entrei em pânico.

— O livro estava lá? — Geoffrey pergunta. — Desculpe, mas precisamos saber se ainda está na posse dele.

— Eu não vi isso. Eu fiquei para trás para checar, dizendo que tinha que trancar o apartamento. — Andrew suspira. — Não estava lá.

— Quem mais sabia? — Geoffrey volta sua atenção para mim.

— O motorista e a mulher no banco do passageiro. Eu nunca perguntei nenhum dos seus nomes.

Uma enfermeira sai de um dos quartos algumas portas abaixo. — O que todos vocês estão fazendo aqui? Esta é uma UTI, vocês não podem estar aqui. Há uma sala de espera no andar de baixo. — Seu tom de 'sem tempo para absurdo' é sério. — Vocês precisam sair.

— Você tem o meu número, se houver alguma mudança com o Sr. Bradford? — Andrew pergunta a ela. — Eu deveria ser a pessoa de contato.

O resto de nós começa a se mover em direção ao elevador.

— Deixe-me verificar seu prontuário. Se não for, eu adicionarei você. — A enfermeira em seu colorido uniforme de tipos espaciais, passa por nós até a estação. — Bradford, Bradford. Hmm. Eu tenho uma senhora Putnam e um Andrew Wildes como contatos. Eu suponho que você é Andrew?

— Sim, — responde Andrew, imperturbável. — Eu sou filho dele e único familiar. Por favor, me faça o principal contato de emergência.

Ele agradece e pega minha mão. Ninguém diz nada até estarmos dentro do elevador.

— Bem, acho que podemos supor que responde à pergunta de qual bruxa está trabalhando com Stanford, — Geoffrey diz o que todos nós estamos pensando.

— Como ela é? — Eu pergunto, já adivinhando a resposta.

— Loira e bem conservada pela minha memória. — Geoffrey me estuda.

— A mulher no carro. Eu nunca dei uma boa olhada nela. Eu deveria ter juntado as peças antes. Sra. Putnam, também conhecida como a mãe de Lucy, também conhecida como filha da Sra. Howe.

— Isso faria sentido. Ela poderia estar por trás do ataque ao meu pai? — Andrew reflete.

— Talvez, — responde Geoffrey. — Ele poderia ser um risco para a causa deles. Usá-lo por suas conexões e se livrar dele depois que ele desempenhasse seu papel?

— Você notou um perfume exageradamente doce em seu apartamento? — Pergunto a Andrew. — Como um buquê de flores apodrecido?

Ele olha subitamente para mim. — Sim. Como você sabe?

— Nossa querida Sra. Putnam usava perfume hoje cedo. O carro cheirava a um funeral caro. — Eu mostro minha língua em desgosto.

Quando as portas se abrem, Geoffrey sai primeiro do elevador. — A cada resposta, temos uma nova pergunta.

— Acho que gostaria de caminhar de volta ao prédio. Madison, você vem comigo? — Andrew aperta minha mão.

— Você vai me ouvir se eu disser que não acho que seja uma boa ideia? — Geoffrey soa resignado.

— Não. Nós nos encontraremos lá. — Andrew sai do meio-fio. Na esquina, ele faz uma pausa. — Vamos subir ou devemos seguir o caminho mais longo dando a volta?

— Caminho longo. São apenas 800 metros e precisamos conversar.

— Se eu pedir desculpas agora por exagerar e, para citar Sam, 'me transformar em um cogumelo venenoso, enfurecido', isso vai ajudar? — Ele levanta nossas mãos unidas e beija meu pulso enquanto olha nos meus olhos.

— Sim. — Minha voz sai toda ofegante. Malditas zonas erógenas.

— Me perdoe? Eu nunca quero te machucar ou ver você ferida. Meu cérebro de lagarto assumiu, e tudo que eu consegui foi ficar furioso. Eu queria ferir meu pai e acabar com seus ataques.

— Primeiro, você está perdoado. — Eu paro de andar e me inclino para beijar sua bochecha. — Segundo, o que quer que esteja acontecendo é maior que seu pai e seus motivos egoístas. Mesmo que o livro tenha se originado na família Bradford, ele contém todas as nossas histórias. Precisamos nos concentrar em decifrar seus segredos.

— Eu nunca cheguei perto de odiar alguém, realmente odiar outra pessoa, até esta manhã. Agora ele está inconsciente no hospital e estou dividido entre culpa, raiva, e amor, que é o pior de todos. Como posso ter um pouco de amor por esse homem?

— Porque ele é seu pai. Seu sangue corre em suas veias. A história dele também é sua. Esta é a batalha que estamos lutando. Como é possível odiar nossa humanidade comum? — Eu envolvo minha outra mão em torno de seu cotovelo. — Você não causou sua lesão com seus pensamentos.

— Você não pode dizer isso com certeza.

— Não, não posso, mas é mais provável que ele tenha sido atacado pelo livro. E também é provável que ele sobreviva a seus

ferimentos. Quando ele sarar, teremos mais respostas. Essa noite, ele está seguro e podemos enviar-lhe boas energias.

— Quando você ficou tão sábia? — Ele descansa a mão sobre a minha.

— Você está me afetando. Todos os meses que passei treinando com sua mãe me ensinaram algumas pepitas de sabedoria e verdade.

Ele se detém para me beijar e eu me inclino em seu abraço.

— Eu te amo, Madison, — ele sussurra contra a minha boca. É um juramento e uma promessa.

— Eu te amo. — Minhas palavras ecoam as dele, tanto uma confirmação quanto um voto sagrado.

Passeamos pela Charles Street, ladeada por antigas luzes a gás que brilham nas suaves sombras do crepúsculo. A vida normal continua à nossa volta e, por uma noite, quero voltar a ser apenas Andrew e Madison, um jovem casal apaixonado. Quero ser um daqueles casais sorridentes e felizes nos porta-retratos expostos em uma das vitrines. Ou o casal à nossa frente, rindo e caminhando para jantar em um dos restaurantes que se alinham nos dois lados dessa quadra.

Meus pensamentos desviam-se para Alice e seu galã de smoking. Pergunto-me se eles estão felizes, ou eram felizes quando estavam vivos. Por que eles se perderam entre os mundos?

Srta. Alice, o que você sabe?

— Sobre o que você está pensando? — Andrew balança nossas mãos entrelaçadas entre nós. — Você se perdeu por um minuto.

— Alice. A fantasma. Estou tentando descobrir que papel ela desempenha em tudo isso. — Pensando no casal fantasmagórico, um lampejo de azul na vitrine da joalheria antiga me faz parar no meio do caminho. Meu primeiro pensamento é que deve ser o reflexo das luzes da polícia no vidro, e meu coração dispara com pânico que eles estejam vindo atrás de Andrew. No entanto, a luz não se move ou continua piscando.

— O que você quer que eu veja? — Pergunto para a luz, aproximando-me do vidro para olhar a vitrine.

Como uma estrela cadente se desvanecendo, o brilho azul torna-se um ponto fixo sobre um medalhão de ouro decorado com a letra *A* rodeada por um delicado padrão floral. Enquanto olho, o brilho se apaga e o medalhão desaparece.

— Precisamos voltar para a Sociedade. — Eu puxo a mão de Andrew.

— Por que a pressa? O que você viu na vitrine? — Ele acompanha meu ritmo mais rápido.

— O medalhão de Alice.

***

No meu quarto, eu pego a caixa vazia de tampões na parte de trás da minha gaveta de roupas íntimas.

— Você precisa de um momento no banheiro? — Andrew pergunta de onde ele se inclina contra o batente da porta.

— As caixas de tampões são os melhores esconderijos, porque os homens não se aproximam deles. É como um campo de proteção mágico

de energia menstrual. — Abrindo a aba, eu tiro o envelope da minha avó e mostro a ele.

— Hã. Eu nunca pensaria em olhar lá dentro. — Ele ri. — Comprovado!

— Minha avó me disse para mantê-lo seguro até o momento certo. Eu tenho um palpite sobre o que está dentro, mas eu não sei como isso vai nos ajudar. — Eu paro antes de rasgar o canto.

— Abra. Se o seu instinto diz que agora é a hora, siga o seu coração. — Ele entra no quarto enquanto eu rasgo uma das pontas.

Dentro há um retângulo de papel velho que gentilmente retiro fora do envelope. Desdobrando o papel delicado, sinto a forma oval antes de vê-lo. O papel cai quando eu levanto a corrente para inspecionar o medalhão com o delicado *A* que vi na vitrine da loja.

— É o mesmo. Por que vovó me daria um medalhão? — Eu deslizo minha unha no pequeno fecho para soltá-lo. — Oh, não é apenas um medalhão.

Dentro há uma pequena bússola de um lado. O outro contém uma mecha de cabelo castanho enrolado, atado com um minúsculo laço branco de seda.

— Há alguma coisa atrás? — Andrew chega por cima do meu ombro. — Posso?

Eu entrego para ele. Ele vira e estuda a parte de trás. — Isso foi muito usado. Olhe para os arranhões.

— Há letras na borda inferior. Você consegue lê-las?

— Me passe meu telefone, por favor. Eu preciso da lanterna.

Eu faço o que ele pede e nós dois tentamos decifrar as letras dos arranhões.

— Eu vejo um *A*. Lá. — Eu bato na extremidade.

— *ASW* e um traço, então um *N*. — Andrew semicerra os olhos enquanto lê. — Seu nome de solteira poderia começar com um *W* e um *N* de casada?

— Ou o segundo *N* é um código. — A certeza enche meu peito. — *NESW*[33] eram as letras repetidas no livro.

— *W* para bruxa? — Andrew pergunta, reabrindo o medalhão e estudando a bússola.

— Não. — Eu bato na bússola. — *W* seria o oeste. Norte, leste, sul e oeste. As direções cardeais e seus elementos correspondentes. Este é o código secreto do livro. As iniciais são o nome e a letra única é o tipo de bruxa que a pessoa era.

— Você é... você tem... puta merda. Você desvendou o livro? — Ele pergunta com admiração.

— Não só eu. Alice desempenhou um papel importante. Eu nunca teria decifrado o código sem ela. — Fecho o medalhão e o aperto no meu coração.

— Alice era uma bruxa da terra? — Ele sussurra porque esse momento pede reverência.

— Eu acho que sim. — Minha voz está cheia de emoção. Arrepios cobrem minha pele quando a verdade do que isso significa me atinge. — E acho que encontramos o elemento que faltava para completar nosso

[33] North, East, South, West, os pontos cardeais Norte, Leste, Sul e Oeste.

poder de cinco. Neste momento somos quatro bruxas. Um verdadeiro coven deve ter um número ímpar.

Ele franze a testa. — Mas nós numeramos oito quando Sarah lançou o círculo.

Eu balanço a cabeça. — Não, nós éramos nove. Alice se juntou a nós.

Seus olhos se arregalam. — Nosso coven tem uma bruxa fantasma.

— Eu mal posso esperar para contar a Sam. Ela vai pirar. E Sarah. E então encontrar Alice. — Minha voz se eleva com excitação.

Andrew encontra meu olhar. — Podemos esperar até de manhã? Quero me enrolar com você nesta cama e fazer o mundo desaparecer pelo resto da noite.

— Amanhã chegará, não importa o que a noite reserve. — Devolvo o medalhão ao seu esconderijo.

Apagamos as luzes e nos arrastamos para o meio da cama. Envolta nos braços de Andrew, sei que estou segura e sou amada.

Eu juro que sinto a casa soltar um suspiro feliz.

— Boa noite, Alice, — eu sussurro no escuro.

FIM.